



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA**

CAMPUS PORTO VELHO CALAMA

DEPARTAMENTO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM REDE
NACIONAL – PROFEPT**

**CORPORALIDADES INDÍGENAS E A SUA INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR:
POSSIBILIDADES ATRAVÉS DE UMA PROPOSTA INTEGRADORA**

FABRÍCIO GURKEWICZ FERREIRA

JI-PARANÁ, 30 DE ABRIL DE 2019

FABRÍCIO GURKEWICZ FERREIRA

CORPORALIDADES INDÍGENAS E A SUA INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR:
POSSIBILIDADES ATRAVÉS DE UMA PROPOSTA INTEGRADORA

Artigo apresentado ao Programa de Pós – Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, área de concentração Educação Profissional e Tecnológica, linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador(a): Dra. Lediane Fani Felzke

AGRADECIMENTOS

A Deus,

A minha esposa Dorotéia e as minhas filhas Ana Clara e Maria Luísa que, a cada dia, incentivam-me a ser uma pessoa melhor, por meio de um sentimento recíproco de amor, carinho e respeito, e por compreenderem a minha ausência durante esse período do mestrado.

Aos meus demais familiares, em especial ao meus pais Almir e Arlete, ao meu irmão Christian, a minha cunhada Michele, aos meus sobrinhos Almir e Arthur, ao meu primo Ian e ao meu enteado Luís Eduardo, por, cada um à sua maneira, através de palavras, gestos e ações, inclusive na construção do trabalho, terem contribuído para que eu chegasse até aqui.

Aos amigos em geral por tornarem esse período um pouco mais fácil, em especial o Carlinhos e a Diná pelo cuidado e amor com a Ana Clara, na parte final do desenvolvimento do trabalho, em que me mantive mais ausente.

A minha orientadora Lediane por colaborar diretamente na construção desse trabalho desde o início, por ajudar a me tornar um pesquisador melhor e, principalmente, por auxiliar a me tornar uma pessoa melhor ao me estimular a compreender o mundo, não como uma realidade determinada e estanque, mas como um processo histórico, inacabado e dinâmico, que depende da nossa atuação para ser mais justo e equânime.

A professora Jânia por fazer parte da banca avaliadora e por dar contribuições valiosas na elaboração do trabalho, sobretudo na análise dos questionários.

A professora Beleni por se dispor a participar da banca e por, através dos seus trabalhos a respeito do tema da minha pesquisa, ter guiado o desenvolvimento desse trabalho.

Aos professores participantes do projeto integrador que, apesar da rotina pessoal e profissional intensa, aceitaram o desafio e foram fundamentais para a realização da pesquisa.

Aos professores de educação física do IFRO por participarem e ajudar no aprimoramento do blog.

Aos alunos do 3ºA Informática do IFRO, *Campus* Ji-Paraná de 2019 por participarem da pesquisa e colaborarem durante todo o processo para que desse certo.

Aos alunos que participaram da gravação das atividades práticas e que se prontificaram ao primeiro convite.

Ao Joaquim por auxiliar na elaboração do blog.

Ao Daniel, Lorrán, Lucas e Luiz por produzirem os vídeos presentes no blog.

A todos os professores do ProfEPT IFRO, *Campus Calama 2018* pelas contribuições nesse processo formativo, em especial ao professor Antônio que, por meio de sua disciplina, impactou profundamente não apenas o desenvolvimento da minha pesquisa, mas, principalmente, a minha atuação profissional.

A todos os colegas ProfEPT IFRO, *Campus Calama 2018*, em especial a Júlia, o Augusto, a Tayana, o Rafael e a Simone pelas conversas, saídas e por tornarem os encontros em momentos mais prazerosos.

Aos colegas do IFRO, *Campus Ji-Paraná* por facilitarem o envolvimento com o mestrado, sobretudo ao Edivan e ao Juliano que ficaram à frente da área de educação física durante esse período e tornaram possível o término da pesquisa com maior tranquilidade.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A presença dos conhecimentos indígenas na disciplina de educação física	25
Quadro 2 – A presença dos conhecimentos indígenas na disciplina de Educação Física	26
Quadro 3 – Práticas corporais indígenas conhecidas	26
Quadro 4 – Os conhecimentos indígenas que podem estar presentes nas aulas de educação física	27
Quadro 5 – Diferenças entre o entendimento sobre o corpo dos povos indígenas e dos povos não-indígenas	28
Quadro 6 – Diferenças entre o entendimento sobre o corpo dos povos indígenas e dos povos não-indígenas	28
Quadro 7 – Contribuições provenientes do estudo das corporalidades indígenas	29
Quadro 8 – Contribuições a formação acadêmica e pessoal	29
Quadro 9 – Contribuições acerca dos conhecimentos sobre o corpo	29
Quadro 10 – Modificações no entendimento a respeito dos povos indígenas	30
Quadro 11 – A contribuição do projeto integrador para o aprendizado é maior do que a atuação isolada das disciplinas	31
Quadro 12 – Pontos positivos e negativos do projeto integrador	31
Quadro 13 – Sugestões para o aprimoramento do projeto integrador	32
Quadro 14 – Conhecimento a respeito do tema do projeto	33
Quadro 15 – Relevância do tema para a Educação Profissional e Tecnológica	33
Quadro 16 – O resultado do trabalho com esse tema seria melhor caso fosse feito por cada disciplina de forma isolada	34
Quadro 17 – Contribuições do projeto integrador para que o aprendizado das corporalidades indígenas fosse significativo	34
Quadro 18 – Satisfação em relação a vivência do projeto integrador	35
Quadro 19 – Pontos positivos e negativos do projeto integrador	35
Quadro 20 – Abordagem do conteúdo nas disciplinas de forma isolada ou em conjunto	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFRO – Instituto Federal de Rondônia

IFs – Institutos Federais

ProfEPT – Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

PI – Projeto Integrador

.

CORPORALIDADES INDÍGENAS E A SUA INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: POSSIBILIDADES ATRAVÉS DE UMA PROPOSTA INTEGRADORA

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa de mestrado que buscou analisar, por meio de um projeto integrador, que contribuições o estudo das corporalidades indígenas podem proporcionar a estudantes de uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica. Para a metodologia foi utilizada a pesquisa participante. Como resultados, verificamos que os conhecimentos e as experiências sobre e com as corporalidades indígenas possibilitaram aos alunos a modificação de sua visão a respeito dos povos indígenas, em relação a sua organização sociocultural e, também, reconhecendo como tais povos estão expostos a discriminação. Identificamos, também, uma mudança em suas percepções sobre o corpo, que passou a ter um entendimento mais abrangente, vinculado a uma perspectiva cultural. No que diz respeito ao projeto integrador, constatamos que ele colabora de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem, inclusive na temática proposta, qual seja, as corporalidades indígenas, pois buscou a integração entre as diversas áreas do conhecimento. Como pontos positivos apontamos a aproximação das disciplinas, a valorização da diversidade cultural, a realização de atividades interdisciplinares e a diminuição da quantidade de atividades avaliativas. Já como pontos negativos, temos o pouco tempo para a realização da proposta, a falta de espaços adequados para a sua preparação e a ausência de comprometimento de alguns professores e alunos. O desenvolvimento dessa pesquisa nos mostrou a importância da interação intercultural, não somente para a constituição de novos conhecimentos, mas, sobretudo, para estabelecer relações críticas e construtivas com sujeitos de culturas diferentes, o que, em uma sociedade tão diversa como a nossa, é fundamental. Além disso, certificamos que o projeto integrador é uma ferramenta valiosa para a implantação do currículo integrado no ambiente escolar, principalmente na Educação Profissional e Tecnológica. Contudo, o seu êxito está condicionado a maior articulação de esforços entre gestores públicos, gestores escolares, professores e alunos.

Palavras-chave: Corporalidades Indígenas. Projeto Integrador. Educação Profissional e Tecnológica.

INDIGENOUS CORPOREALITIES AND THEIR INSERTION IN THE SCHOOL
ENVIRONMENT: POSSIBILITIES THROUGH AN INTEGRATING PROPOSAL

ABSTRACT

This article aims to present the results of a master's research that sought to analyze, through an integrative project, what contributions the study of indigenous corporealities can provide to students at an institution of Professional and Technological Education. Participatory research was used for the methodology. As a result, we found that the knowledge and experiences about and with indigenous corporealities enabled students to modify their view of indigenous peoples, in relation to their socio-cultural organization and, also, recognizing how such peoples are exposed to discrimination. We also identified a change in their perceptions about the body, which now has a more comprehensive understanding, linked to a cultural perspective. With regard to the integrative project, we found that it significantly contributes to the teaching and learning process, including the proposed theme, namely, indigenous corporealities, as it sought integration between the various areas of knowledge. As positive points we point out the approximation of the disciplines, the valorization of cultural diversity, the accomplishment of interdisciplinary activities and the reduction of the amount of evaluative activities. As negative points, we had little time to carry out the proposal, the lack of adequate spaces for its preparation and the lack of commitment of some teachers and students. The development of this research showed us the importance of intercultural interaction, not only for the constitution of new knowledge, but, above all, for establishing critical and constructive relationships with subjects from different cultures, which, in a society as diverse as ours, is fundamental. In addition, we certify that the integrative project is a valuable tool for the implementation of the integrated curriculum in the school environment, mainly in Professional and Technological Education. However, its success is conditioned to a greater articulation of efforts between public managers, school managers, teachers and students.

Keywords: Indígenas Corporealities. Integrative Project. Professional and Technological Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Corpo e corporalidades indígenas	10
2.2 As corporalidades indígenas na EPT: contribuições para a formação humana integral.....	15
2.3 Educação intercultural	17
2.4 Currículo	18
2.5 Currículo integrado	20
2.6 Projeto integrador	21
3 METODOLOGIA	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1 Experiência com as corporalidades indígenas	25
4.1.1 O estudo das corporalidades indígenas nas aulas de Educação Física	25
4.1.2 Diferenças no entendimento sobre o corpo	27
4.1.3 Contribuições do projeto aos conhecimentos dos estudantes	28
4.2 Experiência com um projeto integrador	30
4.2.1 Limites e possibilidades do projeto integrador	30
4.2.2 As corporalidades indígenas como tema de um projeto integrador	33
4.2.1 Percepções dos alunos a respeito do projeto integrador sobre as corporalidades indígenas	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	45
APÊNDICE A – ENCARTE DO PRODUTO	48
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS	83

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados obtidos por meio de uma pesquisa de mestrado, que teve por objetivo analisar o entendimento que os povos ameríndios possuem a respeito do corpo e que contribuições o seu estudo, por meio de um Projeto Integrador (PI), poderia proporcionar a estudantes de uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica (EPT). As bases teóricas para o seu desenvolvimento estão calcadas em estudos relacionados às corporalidades indígenas¹, a educação intercultural, ao currículo, ao currículo integrado e ao PI.

O corpo detém um papel crucial dentro da organização sociocultural dos povos ameríndios. Nas intervenções realizadas no, sobre e pelo o corpo, estão vinculados conhecimentos construídos historicamente e que estruturam toda a cultura e os modos de viver e agir desses povos. Se desejarmos compreender a dinâmica das sociedades ameríndias, é imprescindível conhecer as suas corporalidades (VIVEIROS DE CASTRO; SEEGER; DA MATA, 1979).

O contato intercultural em uma sociedade com tanta diversidade como a nossa é algo corriqueiro, mas que, infelizmente, em muitos casos ocorre através da discriminação, do desrespeito e, até, da violência. Torna-se fundamental, então, que haja intervenções no processo formativo das crianças e dos adolescentes, no sentido de que eles consigam desenvolver as suas relações de modo que as suas singularidades sejam potencializadas, mas sustentadas por princípios de respeito e alteridade.

O contato com outras culturas pode, inclusive, ser um momento propício ao aprendizado de novos conhecimentos. Fleuri (2017) destaca que as contribuições educacionais provenientes do diálogo intercultural com os povos indígenas brasileiros podem ser significativos, posto que, dentro de sua rica complexidade e diversidade, essas sociedades, desenvolvem um viés educacional com ênfase na autonomia e na participação comunitária.

Portanto, reconhecendo o potencial educativo proveniente do contato com os conhecimentos indígenas, em especial as suas corporalidades, e a participação indispensável da educação intercultural nesse processo, enfatizamos a necessidade de sua presença no

¹ Utilizaremos esse termo para se referir aos conhecimentos e as formas de intervir sobre o corpo praticadas pelas etnias ameríndias.

ambiente escolar. A fim de que isso se concretize é fundamental levar em conta a estrutura curricular nesse processo.

O currículo torna possível no ambiente escolar, o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela sociedade. No entanto, esses conhecimentos são apresentados de forma compartimentada em disciplinas, em razão de um processo histórico de fragmentação. Essa especialização das áreas dos saberes dificulta o processo formativo dos alunos, visto que vai de encontro à forma como estes encontram a realidade social, a qual transcorre em uma perspectiva integralizadora e abrangente. Na tentativa de superar as limitações observadas com o conhecimento fragmentado no espaço escolar, surgem as propostas de integração curricular.

O currículo integrado tem por finalidade construir de forma conjunta as ações das disciplinas no ambiente escolar. A sua implantação é uma oportunidade valiosa para que, de fato, se alcance uma educação integral, visto que torna possível explorar todo o potencial da prática educativa em todas as suas dimensões, concorre na superação da visão utilitarista do ensino e fomenta o desenvolvimento das capacidades de pensar, sentir e agir dos estudantes. Atualmente, diferentes metodologias vem sendo utilizadas para a concretização do currículo integrado e, dentre elas, temos o PI.

O PI visa a realização de propostas por duas ou mais disciplinas em torno de um tema comum. Henrique e Nascimento (2015) entendem o PI como um componente curricular que viabiliza a implantação de proposições integradoras em instituições de ensino médio e superior. A sua presença no currículo oficial assegura o desenvolvimento de ações que concebem o conhecimento como fruto de uma totalidade social, além de ser situado historicamente.

Assim sendo, considerando a legitimidade das corporalidades indígenas como conteúdo no ambiente educacional e a relevância do PI para que o resultado do processo de ensino e aprendizagem seja mais efetivo, apresentaremos os resultados de uma intervenção feita com um PI sobre às corporalidades indígenas desenvolvido com uma turma de 3º ano do curso técnico de informática integrado ao ensino médio do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *campus* - Ji-Paraná no ano de 2019, por meio da análise da percepção dos alunos e dos professores participantes da proposta. Inicialmente, iremos apresentar o arcabouço teórico da pesquisa. Em seguida, apresentaremos o percurso metodológico. Por fim, analisaremos as respostas dos professores e dos estudantes que participaram da pesquisa à luz da literatura

científica, e traremos algumas considerações finais a respeito do trabalho desenvolvido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Corpo e corporalidades indígenas

O corpo pode ser compreendido como o local em que os valores e os símbolos de uma determinada cultura são insculpidos. Seguindo nessa direção, ele também pode ser considerado, como o resultado da produção simbólica ou dos desejos e concepções de um grupo social oriundos na e pela cultura (MALUF, 2002).

Para Grando (2004), o corpo se caracteriza por ser o primeiro elemento sobre o qual o homem atua e transforma, sendo controlado a partir do momento em que nasce e se segue até o momento de sua morte. As intervenções realizadas sobre ele visam a sua adequação aos condicionamentos exteriores (biológicos e culturais), que em um movimento dinâmico possibilita a transformação do próprio corpo e da pessoa.

Se concebermos que o homem só existe a partir da natureza e da cultura, qualquer prática que vise a ação com, sobre e por meio do corpo deverá estar alicerçada sobre uma concepção que considere a interação desses dois aspectos. Nesse sentido, também deverá ser levado em conta, que esta interação irá variar de acordo com a sociedade e o período histórico em que ocorrer.

Por meio do seu corpo, o homem vai assimilando a cultura na qual está inserido. Esse processo de apropriação de normas, valores e costumes sociais, pode ser denominado “incorporação”, que constitui uma expressão significativa e que demonstra a importância do corpo nesse contexto. Costumeiramente, diz-se que ao incorporar, o indivíduo está adquirindo uma nova palavra ao seu vocabulário ou um novo conhecimento ao seu repertório intelectual. Mas, além disso, ele está inserindo no seu corpo, no conjunto de suas expressões, um conteúdo corporal (DAOLIO, 2013).

Apesar de seus elementos perceptíveis e concretos, o corpo não é uma realidade em si, mas a representação simbólica de um contexto sociocultural em um determinado momento histórico. Isso faz com que seja fundamental a sua observação a partir do ambiente em que está imerso, posto que a sua construção não é algo único, mas que se altera de acordo com o tipo de sociedade a qual está vinculado.

Nas sociedades ocidentais, por exemplo, em que o individualismo predomina, o corpo é entendido como um componente a parte do homem. O corpo atua como um instrumento que

delimita uma fronteira ante a presença do outro. Sob essa perspectiva, cada pessoa detém uma relativa autonomia para definir os seus valores, estabelecer as suas prioridades e tomar as suas iniciativas (LE BRETON, 2011).

Já nas sociedades tradicionais, que são regidas por uma ótica holística, o corpo não é dissociado da pessoa, ou seja, não ocorre uma cisão entre estas duas partes. O indivíduo está conectado a comunidade, a natureza e ao cosmos. A representação social que se tem do corpo, é a mesma da pessoa (LE BRETON, 2011).

Dentre os povos vinculados às comunidades tradicionais e que possuem conhecimentos fecundos a respeito do corpo e, conseqüentemente, de sua corporalidade, temos as sociedades ameríndias. A partir do estudo fundante de Viveiros de Castro, Seeger e Da Mata (1979), que trata da noção de corpo como elemento central na organização social desses povos, as pesquisas sobre as suas corporalidades aumentaram consideravelmente.

Segundo estes antropólogos, o corpo, na maioria das sociedades ameríndias, não se resume a permitir a identificação de um indivíduo ou o papel social que ele irá exercer, mas constitui um eixo por meio do qual se estruturam os símbolos e os valores sociais. Desse modo, a "fabricação, decoração, transformação e destruição dos corpos são temas em torno dos quais giram mitologias, a vida cerimonial e a organização social" (VIVEIROS DE CASTRO, SEEGER E DA MATA, 1979, p.7).

Grando (2004) afirma que nesses povos, o corpo é um espaço simbólico em que os mais velhos, portadores de respeito e autoridade dentro do seu contexto sociocultural, intervêm com o objetivo de moldá-lo e educá-lo de acordo com as características do grupo, para que seja reconhecido dentro da sua etnia, assim como com seu grupo específico, seja de sexo, clã, idade, entre outros.

Essa educação realizada sobre o corpo, ocorre na perspectiva da educação da pessoa e é viabilizada por meio das interações sociais. A sua importância na formação dos indivíduos dentro da etnia é muito maior do que as outras formas de educação. Este processo educativo se inicia antes do nascimento e permanece por toda a vida, sendo que há variações de sociedade para sociedade (GRANDO, 2004).

O processo de "educação do corpo", torna-se evidente em momentos específicos, tais como os rituais, mas também ocorre ao longo da vida do indivíduo de maneira informal, sendo que na infância é o período no qual as ações são mais perceptíveis, seja no contato com os familiares ou em grupos da mesma idade. É na infância que se inicia a preparação do

indivíduo para o exercício do seu papel na comunidade durante a vida adulta (GRANDO, 2004).

Assim, é na corporalidade, que é possível identificar as intervenções feitas por um determinado grupo étnico sobre a pessoa. Estas intervenções se manifestam por meio de toda simbologia observadas na pessoa e nos indicam a presença de procedimentos educativos, que acontecem de forma consciente ou inconsciente.

O conjunto de ações efetuadas pelos agrupamentos indígenas sobre os indivíduos e os seus corpos têm por objetivo adequá-los às características do grupo, ou seja, fazê-los assimilarem as suas técnicas corporais. Este termo foi cunhado pelo sociólogo francês Marcel Mauss (1974) para se referir a forma pela qual os homens, em cada sociedade, sabem se servir de seus corpos. A partir de suas observações, Mauss constatou que cada técnica apresenta a sua própria forma e que o seu processo de aprendizado ocorre de modo lento. Além disso, o formato da técnica possui características específicas em cada sociedade.

Ao se analisar a construção de técnicas corporais dentro de uma sociedade, verificamos que é um processo permeado por educações, conveniências, modas, prestígios que se modificam de acordo com o meio e que caracterizam uma atuação coletiva e individual, e não apenas um indivíduo e suas imitações (MAUSS, 1974).

O modo como as sociedades indígenas transmitem as suas técnicas corporais visando a "educação do corpo" para a "fabricação da pessoa"², torna-se possível por meio da educação tradicional. Esta educação, segundo Mauss, não difere da instrução presente no ambiente escolar. No entanto, esta educação tradicional indígena é diferente da educação escolar indígena, posto que aquela é realizada pelos mais velhos da aldeia que, de forma consciente, procuram transmitir as novas gerações os conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas a respeito da etnia, a fim de que as tradições se perpetuem (GRANDO, 2004).

Na verdade, essas ações sobre o corpo do indivíduo são fundamentais para que ele possa alcançar uma posição social dentro do grupo, o que implica em uma identificação e reconhecimento junto a eles, constituída na dinâmica das relações sociais, em que o sujeito

² A "fabricação da pessoa" pode ser entendida como o resultado de ações técnicas e estéticas com objetivo de construir o tipo ideal de pessoa para o grupo e que estão inseridas em um conjunto de práticas sociais que ocorrem diariamente e que se caracterizam por serem extraordinárias. A sua realização possibilita a transformação do corpo biológico em um corpo social (GRANDO, 2004; VIVEIROS DE CASTRO, 1979; VIVEIROS DE CASTRO; SEEGER; DA MATA, 1979).

em construção incorpora padrões de conduta e comportamento provenientes do grupo que atua sobre ele (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010).

Essas intervenções realizadas na dimensão corporal são o que propicia o senso de pertencimento e a identificação a uma pessoa e a um grupo étnico. A pessoa é concebida corporalmente dentro do grupo a partir da representação dos sentidos e significados do agrupamento através do seu corpo.

A maneira que cada sociedade indígena irá produzir os seus corpos receberá contornos próprios em razão de serem distintos o processo de formação da identidade coletiva ao longo da história de cada etnia. Contudo, de um modo geral, o contato com os gestos, atitudes e expressões corporais dos indivíduos vinculados a um determinado grupo, permitirão que tenhamos acesso ao seu modo de organização social, uma vez que as técnicas corporais representam as tradições de um povo.

Nessa perspectiva, encontramos na literatura relatos que reforçam a importância da corporalidade dentro da organização das sociedades indígenas brasileiras. Viveiros de Castro (1979), por exemplo, nos traz a importância das intervenções sobre o corpo para os Yawalapítí. Segundo o autor, no modo de pensar desta etnia, o corpo precisa sofrer ações intencionais, periodicamente, para que ocorra a sua "fabricação". Este processo é constituído por atos sistemáticos, com a presença de substâncias que propiciam a interação do corpo com o mundo, tais como, os fluídos corporais, os alimentos, os eméticos, o tabaco, dentre outros.

Em Cabral e Santos Filho (2017) verificamos a reflexão sobre a corporalidade dos povos na comunidade Indígena Parkatêjê por meio dos seus jogos e brincadeiras e a sua valorização dentro da etnia. Segundo os autores, é através das práticas relacionadas ao corpo que se torna possível o aprendizado da língua, das memórias, dos cantos, das danças, dentre outros elementos constituintes dessas culturas. Além disso, vale destacar o vínculo dessas práticas, com a permanência e organização social desses povos nos territórios, sobretudo no que diz respeito a sobrevivência. Por exemplo, a corrida de toras, que surgiu com o intuito de preparação física do corpo indígena, tendo em vista suportar grandes esforços, assim como trazer a caça da floresta para a aldeia.

Grando (2005) investigou o papel da dança no processo de "fabricação do corpo" dos Bororo da aldeia de Meruí-MT. A autora concluiu que essa manifestação corporal contribui de maneira significativa na educação dos indivíduos da etnia, visto que ela possibilita a transmissão de valores, de técnicas corporais e sentido e significados que fazem parte da

estrutura e da organização da etnia. É por meio da dança, que os indivíduos exteriorizam o seu patrimônio cultural, individual e coletivo, oriundo das relações estabelecidas dentro da etnia, o que lhes permitem serem integrados e terem a sua identidade revigorada, dentro do contexto étnico.

Com base nas informações apresentadas sobre a representatividade da corporalidade nas sociedades ameríndias, ratificamos a sua relevância para o entendimento de toda a organização social, mitológica e cultural desses povos. Desse modo, a presença desses conhecimentos no ambiente escolar, sobretudo na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), torna-se relevante, na medida em que se procura a realização de um processo formativo que possibilite ao estudante respeitar, reconhecer e valorizar outras culturas. A fim de verificar, de modo mais específico, como as corporalidades indígenas contribuem a EPT, discorreremos a respeito dessa relação no próximo tópico.

2.2 As corporalidades indígenas na EPT: contribuições para a formação humana integral

A educação profissional se encontra em vigência no Brasil desde o início do século passado, quando teve início a primeira Escola de Aprendizes e Artífices. Contudo, é a partir do ano de 2008 com a expansão da rede federal de ensino, através da criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), que esse sistema ganhou mais qualificação e notoriedade. Os IFs surgiram com o objetivo de levar uma educação pública e gratuita de qualidade à população distante dos grandes centros e, sobretudo, transformar a EPT, tendo em suas bases conceitos que nenhuma outra instituição no país possui (PACHECO, 2010).

Para que, de fato, a EPT apresente esse caráter transformador e contribua para o desenvolvimento local e regional, a sua finalidade não deve estar voltada somente à formação técnica das pessoas e para o mercado de trabalho. Ela deverá estar comprometida com a formação humana integral, na qual o sujeito que está sendo formado não é visto apenas como um mero reproduzidor daquilo que lhe passam, mas como um ser multidimensional, que está inserido em um contexto de complexas relações. Esses pressupostos vão ao encontro da edificação de uma sociedade mais justa e integradora, em que se respeite e valorize a diversidade cultural, étnica e que se concretize a efetivação de direitos sociais plenos a todas as pessoas.

De acordo com Ramos (2014), a integração como parte do processo de formação

humana, ocorre por meio da integração das dimensões da vida no processo educativo, sendo essas dimensões o trabalho, a ciência e a cultura. A interface entre essas dimensões tem por finalidade a formação omnilateral³ dos sujeitos.

A primeira dimensão, que se refere ao trabalho, é um elemento fundamental dos seres humanos. É através dele que intervimos na natureza e a adaptamos às nossas necessidades. Os homens e mulheres o fazem de forma consciente, deliberada. Identificam aquilo que lhes falta e engendram formas de suprir as suas necessidades.

A segunda, que é a ciência, é a responsável por validar socialmente os conhecimentos sistematizados ao longo da história e que possibilitam a compreensão e a intervenção sobre a realidade. Ela “conforma conceitos e métodos cuja objetividade permite a transmissão para diferentes gerações, ao mesmo tempo em que podem ser questionados e superados historicamente, no movimento permanente de construção de novos conhecimentos” (RAMOS, 2014, p.89).

A terceira, que é a cultura, diz respeito à produção de símbolos, códigos e valores por um determinado contexto sócio cultural. Ela “deve ser compreendida no seu sentido mais ampliado possível, ou seja, como a articulação entre o conjunto de representações e comportamentos e o processo dinâmico de socialização, constituindo o modo de vida de uma população determinada” (RAMOS, 2014, p. 90).

Ao conceituarmos esses três elementos, podemos verificar a sua indissociabilidade pela forma que se influenciam e são influenciados e como estão imbricados com a formação humana integrada. Além de se ter acesso aos conhecimentos científicos, há também a reflexão crítica dos padrões culturais dos diversos agrupamentos sociais no que concerne às suas normas de comportamento e os seus valores éticos e estéticos, que representam toda uma conjuntura vivenciada por aqueles grupos.

Desse modo, é imperiosa a luta pela implantação de uma proposição que alcance esses objetivos, principalmente no Ensino Médio, uma vez que a base unitária dessa última etapa da educação básica deverá valorizar as especificidades de cada uma das dimensões que a compõe - trabalho, ciência e cultura - para que se oportunizem possibilidades diversas em suas formações específicas; como a formação profissional, no trabalho, na iniciação científica, na ciência e a ampliação da formação cultural (RAMOS, 2008).

³ Formação omnilateral diz respeito a um processo formativo que contempla todas as dimensões da vida do sujeito.

Especificamente sobre este último aspecto, a ampliação da formação cultural, que é uma condição indispensável ao se pensar na formação humana integrada, é que verificamos a possibilidade do conhecimento sobre as corporalidades indígenas poderem contribuir de forma significativa no processo formativo dos sujeitos na EPT, sobretudo por incidir no respeito e na valorização da diversidade étnica.

Ao entrar em contato com os conhecimentos das corporalidades das etnias indígenas brasileiras, por meio dos seus rituais, danças, jogos, dentre outros, os educandos visualizarão a amplitude dos padrões socioculturais, como os costumes e valores estéticos, por exemplo, presentes em nossa sociedade. A partir disso, poderão dialogar com a sua própria bagagem de conhecimentos, visando à compreensão das singularidades provenientes de cada contexto, bem como compreender que não existem saberes melhores ou piores, mas conhecimentos sistematizados em um determinado contexto sócio histórico que precisam ser reconhecidos.

Assim, acreditamos que as corporalidades indígenas contribuam para a formação humana integral, que é um princípio essencial da EPT e diz respeito à superação da dualidade histórica que acompanha o ser humano e que se materializa na separação social entre aqueles que planejam e aqueles que executam. Contudo, para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma adequada, deverá estar ancorado nos pressupostos de uma educação intercultural, que será abordada no tópico a seguir.

2.3 Educação intercultural

Estamos em um momento histórico, no qual as possibilidades de um contato imediato com o outro é cada vez maior, viabilizado pelo avanço tecnológico e observado, sobretudo, nos meios de comunicação e de locomoção. A partir disso, verificamos que ações individuais locais geram efeitos globais e que transformações socioambientais repercutem diretamente nas circunstâncias da vida de cada pessoa (FLEURI, 2012).

Nesse sentido, o aumento do contato com o outro e, conseqüentemente, com o diferente, convida-nos a refletir a respeito das ações empreendidas no ambiente educacional. O que fazemos em nossa prática pedagógica acarretará em uma menor ou maior aceitação e valorização das diferentes culturas. Dessa forma, é imprescindível que analisemos a forma como estamos tratando a diversidade, para que organizemos ações pedagógicas mais efetivas. Dentre as propostas que emergem no ambiente educacional, que caminham nessa direção, temos a interculturalidade.

A proposta intercultural reconhece e valoriza as identidades culturais, ao tempo que enxerga o conflito como uma oportunidade educativa. Desse modo, promove o desenvolvimento de situações de interação entre os diferentes grupos, a fim de alcançar um crescimento cultural e enriquecimento mútuo. A sua concretização está condicionada à utilização de novas estratégias para o estabelecimento da relação entre sujeitos diferentes (FLEURI, 2001).

Oliveira e Daolio (2011) salientam que a educação intercultural nos indica que o simples reconhecimento de diversas culturas, não é suficiente. Faz-se necessário a oferta de condições para que elas possam dialogar de forma igualitária. Nesse sentido, compete à escola o papel de possibilitar espaços nos quais o diálogo, a comunicação e a troca de conhecimentos, de valores e de atitudes entre diferentes culturas possam acontecer.

O desenvolvimento de um projeto calcado nos princípios interculturais efetiva-se, de fato, quando existem contextos educativos que oportunizam a sujeitos com características socioculturais diferentes possibilidades de interagirem de forma crítica, criativa, afetiva e cooperativa com os seus pares. No entanto, o fato de uma proposta educativa ser taxada de intercultural, não assegura que as suas ações irão contemplar a dimensão crítica.

Walsh (2009) aponta duas perspectivas da interculturalidade, uma funcional e outra crítica. Para a autora, a interculturalidade funcional atua no reconhecimento da diversidade cultural e sua inserção dentro da dinâmica social e dos Estados nacionais, mas não se preocupa com os dispositivos e padrões de poder que são responsáveis pela manutenção da desigualdade. Já a interculturalidade crítica, questiona a concepção de poder, de racialização e de diferença, em sua dimensão colonial e não cultural, que foi construída a partir disso.

Considerar a interculturalidade crítica, então, como uma iniciativa voltada para o surgimento de novas perspectivas em relação ao poder, ao saber, ao ser e ao viver; significa superar os limites dos projetos que se apresentam atualmente. É propor ações que não se satisfaçam em apenas promover a relação entre diferentes grupos culturais, inseri-los nas estruturas sociais vigentes (educativas, disciplinares ou de pensamento), ou, ainda, a criação de programas especiais na educação; mas que contribuam para a permanência de comportamentos racializados e excludentes. "É assinalar a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que diferencialmente posicionam grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo e ainda, é racial, moderno-ocidental e colonial" (WALSH, 2009, p.24).

Candau (2016) nos diz que a preocupação em se discutir as questões relacionadas as diferenças culturais, tanto na sociedade quanto nos ambientes educacionais, vem aumentando. Contudo, se tivermos como referência a interculturalidade crítica e a superação do trato superficial e estereotipado, como geralmente ocorre com as relações étnico-raciais, que são abordadas de forma pontual em datas comemorativas, os desafios ainda são muitos.

Nesse sentido, Candau e Russo (2010) afirmam que as dificuldades enfrentadas pelos conhecimentos indígenas de serem inseridos na educação escolar no Brasil estão relacionadas com o processo histórico de construção identitária do país, em que os grupos que não se reconheciam dentro da cultura europeia foram excluídos e invisibilizados.

A educação intercultural em seu viés crítico, a partir da análise empreendida, configura-se, em nosso entendimento, como a proposta mais apropriada para materializar os conhecimentos referentes aos povos indígenas em um ambiente escolar não indígena. Para que o seu desenvolvimento seja potencializado, é necessária uma estrutura curricular que lhe torne possível. Por isso, abordaremos a questão curricular a seguir.

2.4 Currículo

O currículo pode ser entendido como um projeto construído a partir de um plano ordenado, que articula diferentes princípios visando a sua realização e que nesse processo de concretização demonstra o seu valor. A sua materialização só se torna possível em razão do diálogo entre as partes que estão diretamente relacionadas com ele, como os agentes sociais, os elementos técnicos, os professores, os alunos, dentre outros (SACRISTÁN, 2000).

Para Machado (2009), o currículo se refere às ideias que subsidiam a organização do trabalho didático-pedagógico e que se revela no desenvolvimento da prática educativa. Ele possibilita a materialização de experiências que necessitam de investigação e análise. A sua constituição tem como base a análise de ações já desenvolvidas, assim como o prognóstico do que se quer e até onde se pode conseguir chegar, a fim de se construir práticas pedagógicas exitosas. Desse modo, o currículo "...será sempre uma construção dinâmica, concretizada nas relações pedagógicas, cujo sucesso depende da participação e da capacidade de autoavaliação destas práticas pelos sujeitos que as tecem" (MACHADO, 2009, p.52).

Por ser fruto de uma construção social situada historicamente, no currículo estão presentes as experiências e os objetivos de aprendizagem que a escola considera necessários alcançar. A sua efetividade não se restringe apenas a transmissão dos conteúdos, mas também

está condicionada aos componentes políticos, administrativos, estruturais, materiais e o processo formativo dos professores.

Para Moreira e Candau (2008), apesar de as concepções sobre os currículos apresentarem bases teóricas específicas, podemos assinalar que as discussões sobre ele envolvem os conhecimentos escolares, os fatores procedimentais e oriundos das relações sociais que interferem em como se dará o processo de ensino e aprendizagem, e as mudanças que queremos provocar nos alunos e nas alunas em nível de valores e de construção de identidades.

A transformação do currículo em um instrumento adequado as necessidades atuais dos alunos é uma tarefa árdua, já que ele adquire sentidos concretos por meio das atividades práticas as quais possibilita. Estas, por sua vez, são compostas por diferentes contextos que "... são produtos de tradições, valores e crenças muito assentadas, que mostram sua presença e obstinação à mudança quando uma proposta metodológica alternativa pretende instalar-se em certas condições já dadas" (SACRISTÁN, 2000, p. 28).

Uma das marcas históricas do currículo, sobretudo no Ensino Médio, é a sua fragmentação (CRUZ *et. al*, 2015). Isso significa que as áreas do conhecimento não interagem entre si, permanecendo estanque, e os saberes são desenvolvidos através de parcelas, de modo linear. Como consequência, formam-se alunos que conseguem responder bem aos instrumentos avaliativos escolares, mas que não são capazes de entender a realidade que os rodeia de forma estruturada.

Com a necessidade de se tentar compreender a dinâmica social, que se apresenta cada vez mais complexa, iniciativas que visam a realização do diálogo entre os saberes se tornam fundamentais. Atualmente, o currículo integrado é uma proposição consolidada na área curricular, sobretudo no âmbito da EPT, como uma alternativa para a superação da fragmentação.

2.5 Currículo integrado

A proposta de integração curricular acompanhou o currículo durante o seu percurso histórico, com distintas denominações: currículo global, metodologia de projetos, currículo interdisciplinar, dentre outros. A questão da integração é tão relevante, que mesmo as propostas curriculares centradas nas disciplinas, acreditam que estabelecer formas de integrá-las devem ser discutidas. Portanto, a integração não é exclusividade das propostas

curriculares críticas e nem das teorias mais recentes (LOPES; MACEDO, 2011).

Machado (2009) se refere ao currículo integrado como uma proposta que tenha por finalidade a articulação entre conteúdos que apresentam estruturas diferentes, que embora devam ser reconhecidas, não devem ser observadas com rigor absoluto. No âmbito da EPT, esses conteúdos a serem relacionados são denominados de gerais e profissionais. Para que haja a possibilidade de sucesso com a integração curricular é fundamental que a aproximação entre as áreas do conhecimento se acentue de forma progressiva, visando o desenvolvimento de ações didáticas organizadas, em que a atuação de cada disciplina sintetize uma parte estruturada do todo.

A concretização da integração curricular demanda uma mudança de postura tanto dos professores quanto dos alunos. É necessário o rompimento com o modelo hierárquico do conhecimento, em que algumas disciplinas são menosprezadas, como as de cunho técnico, por exemplo, por serem associadas de forma discriminatória ao trabalho manual. Portanto, é indispensável a predisposição dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem para a superação da fragmentação dos conhecimentos, mobilizando esforços para o desenvolvimento de interrelações entre as áreas, de modo que se construa, nas práticas educativas, um entendimento global e complexo do conhecimento (MACHADO, 2009).

O currículo integrado em uma instituição de EPT deve viabilizar a integração entre a formação geral, técnica e política. A concepção de uma proposta curricular integrada se constitui, obrigatoriamente, em um ato coletivo, no qual está presente a organização do planejamento e a definição de metodologias e objetivos. A sua construção só se torna possível em um espaço democrático e participativo. Caso não seja assim, é improvável que se materialize nas práticas educativas, visto que as práticas curriculares fragmentadas ainda estão enraizadas na cultura escolar e a sua superação não é uma tarefa simples. Para potencializar a inserção do currículo integrado, há algumas alternativas e, dentre elas, temos o Projeto Integrador (PI).

2.6 Projeto integrador

O PI tem em sua estrutura teórico-metodológica a presença de diferentes concepções, orientadas por ideias oriundas de diversos autores e que muitas vezes são utilizadas de forma conjugada (SILVA, 2014). No caso dessa pesquisa, compreendemo-lo como uma proposta que aproxima diferentes áreas do conhecimento tendo como referência um tema comum.

Deste modo, sua concepção, planejamento, execução e avaliação ocorrem por meio do trabalho coletivo entre as disciplinas participantes.

Silva (2014) aponta seis contribuições do PI para a efetivação do currículo integrado: 1) direciona para a realização do trabalho coletivo entre os docentes e para a articulação entre as áreas do conhecimento; 2) incentiva os estudantes a se dedicarem tanto a temas da formação básica quanto da formação técnica; 3) mobiliza esforços para a solução de problemas científicos e sociais, 4) promove o envolvimento com a pesquisa e enfatiza a importância de relacionar diferentes saberes e informações; 5) associa a teoria e a prática; e, finalmente; 6) fomenta o progresso individual e coletivo.

As vivências e os desdobramentos do PI indicam a necessidade de se valorizar o papel dos sujeitos participantes da proposta, bem como da bagagem de conhecimentos que estes possuem. Desse modo, possibilita-se aos estudantes um maior protagonismo no seu processo de aprendizagem e a construção de um conhecimento com maior significância, visto que tem como ponto de partida as suas próprias experiências.

De acordo com Henrique e Nascimento (2015) há duas atitudes necessárias para a concretização de um PI. A primeira está relacionada aos professores, em que eles deverão aceitar e se comprometer com a proposta. O estabelecimento do diálogo entre diferentes campos do saber demanda entendimento e respeito para com a diferença e a diversidade, bem como uma predisposição para se relacionar. A segunda se refere às condições concretas de tempo e espaço, nas instituições de ensino, para que se conceba a proposição.

A partir das ideias apresentadas, podemos constatar a viabilidade do currículo integrado como uma alternativa curricular que possibilita um processo formativo que aproxime e integre o estudante a sua realidade e o subsidie a agir sobre ela. Nesse sentido, o PI se apresenta como uma ferramenta colaborativa a integração curricular, já que aproxima as áreas do conhecimento em torno de um tema em comum, potencializando as suas ações. No caso do tema dessa pesquisa, qual seja, “às corporalidades indígenas”, a sua contribuição é significativa.

3 METODOLOGIA

Para o delineamento do percurso dessa investigação utilizamos como base a pesquisa participante. É um tipo de pesquisa que se caracteriza pela ação colaborativa entre os participantes que vivenciam determinada problemática visando à construção solidária do conhecimento. Portanto, as suas ações buscam envolver os beneficiários na produção do

conhecimento.

Brandão (2006) aponta quatro finalidades da pesquisa participante: 1) a sua atuação vai ao encontro das demandas da problemática que lhe deu origem, que deverão ser trabalhadas de forma colaborativa; 2) possui uma vocação política e educativa em razão do seu caráter de aprendizado dialógico e coletivo; 3) a sua atuação contínua colabora para o surgimento de um saber popular, que em um processo de construção progressiva, poderia se tornar uma ciência popular; e 4) possibilita o empoderamento dos seus participantes.

Em razão de sua natureza diversificada no que diz respeito a procedimentos, a estrutura metodológica da pesquisa participante se delineia durante a sua realização. Os desafios que forem surgindo vão se moldando a dinâmica da investigação em um processo contínuo de modo que tomem novos caminhos (BRANDÃO; BORGES, 2007). Tendo como referência a modificação de saberes e sensibilidades preconcebidas, limitadas e que reforçam a manutenção de uma sociedade desigual, a pesquisa participante tem por finalidade a transformação social. Assim, espera-se que os participantes da pesquisa consigam a autonomia necessária para lidar com os desafios de sua vida em todas as dimensões.

Um dos pontos fundamentais dessa abordagem é o diálogo constante em detrimento de uma postura impositiva. A sua realização ocorre por meio de uma construção solidária, em que as diretrizes, os saberes e os valores são definidos de forma coletiva e não a partir de um desejo individual (BRANDÃO; BORGES, 2007). Desse modo, o termo "participante" neste tipo de pesquisa não ocorre em razão da presença de diversos sujeitos para a sua realização, mas sim, por se constituir em uma ação social coletiva e colaborativa de construção do conhecimento, na qual se busca a transformação social a partir da emancipação dos seus integrantes (BRANDÃO, 2006).

Os participantes da pesquisa foram trinta e cinco alunos da turma de terceiro ano do curso de Informática do IFRO Campus – Ji-Paraná do ano de 2019, que estudavam no período matutino, e oito professores, sendo dois da disciplina de história e um das disciplinas de educação física, filosofia, língua português, língua espanhola, química (núcleo comum) e redes (núcleo técnico).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram necessárias quatro etapas. Na primeira, montamos o referencial bibliográfico que deu sustentação ao trabalho. Além disso, entramos em contato com os professores que ministram aulas na turma de 3ºano do curso de Informática do IFRO Campus – Ji-Paraná no ano de 2019, que estudavam no período

matutino, para verificar a disponibilidade e interesse em participar do grupo colaborativo que construiria o projeto integrador, sendo feita a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para aqueles que fossem participar.

A escolha dessa turma ocorreu pelo intuito de tentar aproximar o objeto de estudo dessa pesquisa com a área de informática e, pelo fato de já estarem no terceiro ano, possuírem uma bagagem de conhecimentos maior, tanto nas disciplinas do núcleo comum quanto do núcleo técnico, para participarem do projeto.

Na segunda, ocorreu a sensibilização dos alunos e de seus pais para que aqueles participassem da pesquisa. Após uma reunião, em que foi explicado todos os procedimentos que seriam realizados, todos os alunos e seus pais concordaram com a participação, assinando Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), enquanto os seus pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na terceira, com o grupo colaborativo definido, teve início os encontros para o estudo, planejamento e avaliação das ações do projeto integrador. Foram oito encontros entre os meses de abril e outubro de 2019. Nesses encontros, foram trabalhados conceitos referentes a currículo integrado, projeto integrador, culturas indígenas e corporalidades indígenas. Também foram estabelecidas as ações que cada disciplina participante iria desenvolver, bem como o formato das avaliações. Ainda nesse momento, aplicamos um questionário inicial para verificar a percepção dos alunos participantes em relação às culturas indígenas, às suas corporalidades e da contribuição destes conhecimentos nas aulas de educação física, para que pudéssemos ajustar o planejamento.

Ainda nessa terceira parte, realizamos as ações em cada disciplina participante. Foram aulas expositivas, práticas e de campo, em que os alunos tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre as culturas indígenas e suas concepções acerca do corpo e, inclusive, ter contato com uma etnia indígena. Como atividades avaliativas do projeto realizou-se um seminário e a construção de um artigo, ambas em grupo. Ao final, aplicamos outro questionário aos alunos, para analisar se ocorreram mudanças em suas percepções no que diz respeito às culturas indígenas e suas corporalidades, assim como nas impressões a respeito do projeto integrador.

Na quarta etapa, após o término das ações do projeto, aplicamos um questionário junto aos professores do grupo colaborativo para verificar a percepção dos participantes sobre o projeto integrador e sobre a sua contribuição para o aprendizado do tema corporalidades.

Para a análise dos dados, as respostas foram agrupadas de acordo com a sua

proximidade em relação ao conteúdo. Dessa forma, sua organização foi feita através de quadros que contém o tema da pergunta, o conjunto de respostas por aproximação, o Valor absoluto (V.a.) e a porcentagem (%) de cada um dos conjuntos.

No que diz respeito a análise dos questionários aplicados aos alunos sobre a experiência com as corporalidades indígenas, realizamos uma comparação entre as respostas do questionário inicial e as do questionário final, bem como o diálogo com a literatura científica, de modo que a sua disposição ocorre em três tópicos, quais sejam, o estudo das corporalidades indígenas nas aulas de Educação Física; as diferenças entre o entendimento sobre o corpo das sociedades indígenas e as não indígenas; e as contribuições do projeto aos conhecimentos dos estudantes.

Já em relação as percepções sobre o projeto integrador tanto dos professores quanto dos alunos, nos dois primeiros tópicos, limites e possibilidades do projeto integrador e as corporalidades indígenas como tema de um projeto integrador, foi feita análise das respostas ao questionário dos professores. No terceiro tópico, percepções a respeito de um projeto integrador sobre as corporalidades indígenas, analisou-se as respostas dos alunos sobre o projeto integrador e com todas respostas, empreendemos um diálogo com a literatura.

Após o período de intervenção com os alunos, desenvolvemos o Produto Educacional a partir de todo o material produzido durante esse processo, que foi sistematizado e alocado em uma plataforma digital. Esta se constitui em um blog e tem por finalidade compartilhar possibilidades pedagógicas para o trato com as corporalidades indígenas no espaço escolar, sobretudo na EPT, além de sugestões de leituras científicas a respeito do corpo, da educação intercultural e das culturas indígenas.

O blog foi elaborado com o auxílio de um dos alunos participantes da intervenção e é voltado para todas as pessoas que tenham interesse em conhecer mais a respeito dos povos indígenas e de suas culturas, mas, de modo especial, indicamos a sua utilização aos professores. Ele pode ser acessado no seguinte endereço: https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/inicio_9.html. Os detalhes do desenvolvimento do blog e suas formas de utilização encontram-se no Apêndice A.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como vimos no decorrer desse artigo, o corpo, e conseqüentemente as práticas realizadas nele e por meio dele, podem assumir sentidos e significados diferentes de acordo

com o contexto em que tais práticas são realizadas e também de acordo com quem esteja participando. Caso desejemos ampliar o conhecimento a respeito dessa temática, é necessário ir além do nosso contexto sociocultural e se relacionar com diferentes grupos sociais.

Além disso, também verificamos que a concretização do currículo integrado, sobretudo na EPT, é uma condição fundamental para que ocorra avanços qualitativos nos processos de ensino e aprendizagem. O PI é uma das alternativas metodológicas utilizadas para efetivação do currículo integrado e, embora as suas experiências ainda sejam recentes, vem apresentando bons resultados.

Desse modo, apresentaremos os resultados da intervenção realizada junto aos alunos com o objetivo de verificar as contribuições que os conhecimentos das corporalidades indígenas podem propiciar a estudantes de uma escola não indígena, assim como as percepções de professores e alunos a respeito da vivência do PI. Primeiramente, iremos discutir a experiência com as corporalidades indígenas e, na sequência, com o PI, ambas organizadas em três tópicos, como já mencionado, a fim de facilitar a compreensão.

4.1 Experiência com as corporalidades indígenas

4.1.1 O estudo das corporalidades indígenas nas aulas de Educação Física

Nesse primeiro tópico, a análise diz respeito às modificações no entendimento dos alunos sobre o estudo das corporalidades indígenas na disciplina de Educação Física. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar se eles concordavam com a inserção desses conhecimentos e quais deveriam estar presentes. No quadro 1 e no quadro 3, encontram-se as respostas do questionário inicial e no quadro 2 e no quadro 4 do questionário final.

Quadro 1 – A presença dos conhecimentos indígenas na disciplina de Educação Física

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Para conhecer novas práticas esportivas	8	22,8
	A fim de conhecermos as suas práticas corporais	6	17,1
	Com o propósito de conhecermos as suas culturas	6	17,1
	Há atividades interessantes	5	14,3
	Pois eles realizam atividades físicas	4	11,4
	Tem as danças	1	2,9
	Pode estar em todas as disciplinas escolares	1	2,9
	Tem os jogos	1	2,9

Não	Pois não é objeto de estudo da disciplina	3	8,6
-----	---	---	-----

Fonte: Questionário inicial aplicado pelos autores

Quadro 2 – A presença dos conhecimentos indígenas na disciplina de Educação Física

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Porque possibilita o acesso ao conhecimento de outras culturas	12	34,3
	Traz novos conhecimentos	7	20
	Por se tratar de conhecimentos sobre o corpo, que é o objeto de estudo da Educação Física	6	17,1
	Pois são atividades esportivas	5	14,3
	Porque ajuda na diminuição do preconceito aos povos indígenas	4	11,4
Não	Pois não desperta o interesse dos alunos	1	2,9

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

Podemos observar que a quantidade de alunos contrários a presença desses conhecimentos diminuiu, assim como aqueles que os vinculavam apenas a prática esportiva. Por outro lado, houve um aumento considerável em relação a importância do acesso a outras culturas e da contribuição para a diminuição do preconceito.

A respeito da interação com outras culturas, cabe ressaltar que as representações dos corpos indígenas na escola sofrem a influência da cultura dominante, que historicamente distorceu e depreciou os saberes dessas culturas. Isso demonstra a dificuldade que a disciplina de Educação Física possui em se aproximar da questão étnico-racial, visto que durante o seu percurso histórico, ela sempre esteve vinculada aos interesses dominantes (MOREIRA; SILVA, 2016). Por isso, concordamos com Grandó e Pinho (2016) que apontam o estudo da cultura e da história dos povos indígenas na disciplina de Educação Física como um espaço de resistência e conflito contra os conhecimentos oriundos do pensamento dominante, no qual há uma gama de saberes padronizados que desconsideram a pluralidade e a relevância cultural existente. A Educação Física deve atuar visando a valorização dos sentidos e significados dos diferentes grupos humanos nos diferentes contextos históricos e sociais.

Quadro 3 – Práticas corporais indígenas conhecidas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Não conhecem	24	68,6
Pinturas corporais	2	5,7
A prática do arco e flecha	2	5,7
Rituais	2	5,7

Dança	2	5,7
A prática da caça	2	5,7
Corrida com tora	1	2,9

Fonte: Questionário inicial aplicado pelos autores

Quadro 4 – Os conhecimentos indígenas que podem estar presentes nas aulas de Educação Física

Conjunto de respostas	V.a.	%
Apenas os esportes	6	17,1
Os jogos e os esportes	5	14,3
Os jogos e as danças	5	14,3
Os esportes, os rituais, as danças e as pinturas	5	14,3
As suas práticas corporais sistematizadas	5	14,3
O seu entendimento sobre o corpo	4	11,4
Apenas as danças	3	8,6
Apenas os jogos	2	5,7

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

Devido a quantidade de aulas vivenciadas, percebeu-se um aumento dos conhecimentos acerca das práticas corporais indígenas. Durante a intervenção o esporte ainda se apresenta como um tema hegemônico na percepção dos alunos, o que já foi possível observar nas respostas da questão anterior. O esporte que é uma das principais manifestações sociais do séc. XXI, além de ser soberano nas aulas de Educação Física escolar (BRACHT, 2000; DARIDO, 2003; PAES, 1996). Isso posto, fica mais clara a tendência das respostas dos alunos. Os povos indígenas também estão sendo impactados. Desde o surgimento dos Jogos dos Povos Indígenas em 1996, um evento esportivo periódico que reúne diversas etnias espalhadas pelo Brasil visando a sua integração, a assimilação de elementos do esporte por parte dos participantes, como a competitividade e o rendimento, acentua-se cada vez mais (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010; GRANDO, 2010). Práticas corporais tradicionais das etnias estão sendo padronizadas, para se adequar ao espetáculo. Ainda não se sabe ao certo quais consequências isso trará as técnicas corporais de cada povo e, conseqüentemente, as suas danças, aos seus jogos, aos seus rituais, dentre outras manifestações corporais (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010; ALMEIDA; SUASSUNA; GRANDO, 2010; GRANDO; HASSE, 2001).

4.1.2 Diferenças no entendimento sobre o corpo

Nesse segundo tópico, a análise se refere às mudanças relacionadas as diferenças de entendimento sobre o corpo entre os povos indígenas e os não indígenas. A fim de verificar a sua percepção, os alunos foram questionados acerca de quais são as diferenças entre a noção de corpo dos indígenas e dos não indígenas. No quadro 5, encontram-se as respostas do questionário inicial e no quadro 6 do questionário final.

Quadro 5 – Diferenças entre o entendimento sobre o corpo dos povos indígenas e dos povos não-indígenas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Há diferenças em razão de cada povo ter as suas peculiaridades culturais	17	48,6
Não sabem	11	31,4
Os povos não indígenas possuem um conhecimento mais avançado sobre o corpo, em virtude do desenvolvimento científico.	4	11,4
Os povos indígenas possuem uma relação mais profunda com corpo	3	8,6

Fonte: Questionário inicial aplicado pelos autores

Quadro 6 – Diferenças entre o entendimento sobre o corpo dos povos indígenas e dos povos não-indígenas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Para os povos indígenas, o corpo é um instrumento repleto de sentidos e significados dentro de suas culturas, enquanto os povos não indígenas o relacionam a questões vinculadas a aparência.	18	51,4
Não sabem	8	22,9
O corpo, para os povos indígenas, é visto como um elemento integrado ao ambiente. Já para os não indígenas, é visto de forma isolada.	5	14,3
Os povos indígenas possuem uma visão mais mística do corpo, se comparada aos não indígenas.	4	11,4

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

Após o período de intervenção, o desconhecimento a respeito do tema diminuiu e a capacidade dos alunos em caracterizar o seu entendimento, tornou-se mais perceptível. Nesse sentido, as respostas vão ao encontro do conceito de corpo vinculado as sociedades tradicionais, das quais fazem parte os povos indígenas, em que o corpo é visto de forma interligada à natureza e aos aspectos cosmológicos, de modo que desempenham papel relevante na organização social desses povos, e também da ideia de corpo da sociedade ocidental moderna, em que ele se constitui como um acessório, conjunto de estruturas orgânicas, dissociado da pessoa e, conseqüentemente, do todo que o circunda (LE BRETON, 2011).

4.1.3 Contribuições do projeto aos conhecimentos dos estudantes

No terceiro e último tópico, a análise é sobre as contribuições observadas pelos alunos em razão de sua participação no projeto. As questões versaram sobre as contribuições provenientes do estudo das corporalidades indígenas, em sua formação acadêmica e pessoal, nos seus conhecimentos sobre o corpo e na sua visão em relação aos povos indígenas. No quadro 7, encontram-se as respostas presentes no questionário inicial e nos quadros 8, 9 e 10, as presentes no questionário final.

Quadro 7 – Contribuições provenientes do estudo das corporalidades indígenas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Não sabem	15	42,7
Novos conhecimentos	8	22,9
Conhecimentos a respeito de suas culturas	7	20
Como obter um condicionamento físico melhor	3	8,6
Diminuir o preconceito a respeito dos povos indígenas	1	2,9
Estabelecer uma relação de respeito e valorização com o corpo	1	2,9

Fonte: Questionário inicial aplicado pelos autores

Considerando que o contato com os conhecimentos das culturas indígenas, em especial as suas corporalidades, foi bem restrito na sua vida escolar, era esperado que a maior parte dos alunos não soubesse ou tivesse dificuldade em apontar as contribuições que o estudo desse tema poderia trazer. Contudo, podemos notar a menção ao contato intercultural e a diminuição do preconceito aos povos indígenas, que terão aumento um substancial nos quadros a seguir, sobretudo o último aspecto.

Quadro 8 – Contribuições a formação acadêmica e pessoal

Conjunto de respostas	V.a.	%
Construção de novos conhecimentos	11	31,4
Valorização das culturas indígenas	10	28,55
Diminuição do preconceito em relação aos povos indígenas	10	28,55
Auxílio na resolução de questões do ENEM	3	8,6
Não sabe	1	2,9

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

Quadro 9 – Contribuições acerca dos conhecimentos sobre o corpo

Conjunto de respostas	V.a.	%
------------------------------	-------------	----------

Sim	Pois aprendi novas práticas corporais	14	40
	Porque compreendi o corpo sob uma perspectiva cultural	8	22,9
	Mas não sei explicar	3	8,6
Não	Não sabem responder	6	17,1
	Pois me interessei por outros aspectos das culturas indígenas que não fossem relacionadas ao corpo	4	11,4

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

Podemos verificar que em relação às contribuições acadêmicas e pessoais, a diminuição do preconceito em relação aos povos indígenas é uma das menções que se destaca. Isso indica a relevância do trabalho com essa temática no ambiente escolar. Assim como em outros trabalhos (DOMINGOS JUNIOR et al., 2017; KEMPE, 2015; TENORIO; SILVA, 2014), também identificamos o pouco contato que os estudantes possuíam com os conhecimentos indígenas. Esse desconhecimento em relação ao outro, poderá resultar em condutas discriminatórias e, quem sabe, até em atos de violência. O trato com as culturas indígenas, portanto, é essencial, para o respeito e a valorização da diversidade cultural, que são pressupostos indispensáveis em uma sociedade plural como a nossa.

No que concerne aos conhecimentos sobre o corpo, vale ressaltar a compreensão do corpo sobre uma perspectiva cultural, pois como enfatiza Daolio (2013), perceber o corpo sob esse prisma, possibilita-nos não tratá-lo como uma estrutura idêntica, padronizando-o. É um passo essencial para o desenvolvimento de relações que respeitem e valorizem a pluralidade cultural, inclusive de corpos, presente em nossa sociedade. Além disso, destacamos também que, apesar de quatro participantes afirmarem não terem modificações em relação às questões corporais, afirmam estar relacionado ao interesse por outros aspectos das culturas indígenas, o que demonstra, mesmo assim, a importância do projeto para a sua bagagem de conhecimentos.

Quadro 10 – Modificações no entendimento a respeito dos povos indígenas

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Em relação aos aspectos gerais de suas culturas, tais como o modo de viver, o seu comportamento e a utilização de suas terras.	20	57,1
	A serem beneficiados financeiramente pelo governo ⁴	6	17,1
	Que não são povos primitivos	3	8,6

⁴ Os alunos acreditavam que os sujeitos pertencentes às diversas etnias recebiam, individualmente, uma alta quantia financeira fixa, todo mês, do governo federal.

	No que diz respeito às suas práticas corporais	1	2,9
Não	Não houve modificações	5	14,3

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

A última questão buscou verificar o impacto que a intervenção teve sobre a percepção a respeito dos povos indígenas. Pelas respostas, podemos notar que a maior parte dos alunos apresentou alguma mudança em seu entendimento, que abrangem, principalmente, o modo de vida dos indígenas. Assim, por meio do contato intercultural com os povos indígenas, oportuniza-se não apenas o desenvolvimento do respeito, mas também a construção de uma relação sustentável com a sociedade em geral e a natureza.

4.2 Experiência com um projeto integrador

4.2.1 Limites e possibilidades do projeto integrador

Nesse primeiro tópico, a análise diz respeito aos limites e as possibilidades no desenvolvimento de um PI na EPT a partir da percepção dos professores envolvidos. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar se as contribuições do PI para o aprendizado é maior do que as disciplinas de forma isolada (quadro 11), os pontos positivos e negativos do PI (quadro 12) e sugestões para o seu aprimoramento (quadro 13).

Quadro 11 – A contribuição do projeto integrador para o aprendizado é maior do que a atuação isolada das disciplinas

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Por promover a interação entre as diferentes áreas do conhecimento	4	57,1
	Porque permite o entendimento do conhecimento em uma perspectiva plural	1	14,3
	Pois mantém o conhecimento vinculado a realidade concreta	1	14,3
	Em razão de possibilitar uma maior participação dos alunos na construção do conhecimento	1	14,3

Fonte: Questionário aplicado pelos autores após o encerramento do PI.

Todos os professores acreditam que a atuação integrada das disciplinas, e as suas respostas, vão ao encontro de aspectos mencionados na literatura a respeito dos motivos que tornam as propostas integradoras mais significativas para a aprendizagem do que as propostas fragmentárias (HENRIQUE; NASCIMENTO, 2015; RAMOS, 2005; SILVA, 2014). É importante destacar que os pontos mencionados se relacionam e o seu êxito está condicionado a essa aproximação, já que uma construção efetiva do conhecimento ocorre, de fato, quando

ele é tratado de forma contextualizada, em que se estabelece o vínculo com a realidade dos alunos, e interdisciplinar, quando há interação entre as diferentes áreas do conhecimento.

Quadro 12 – Pontos positivos e negativos do projeto integrador

Conjunto de respostas	
Positivos	Interação entre as disciplinas
	A participação de indígenas
	A participação ativa dos alunos na construção do conhecimento
	A realização de aulas de campo na aldeia
	A realização de pesquisa por parte dos alunos
	A construção do conhecimento de forma integrada
Negativos	A resistência em relação ao tema por parte de alguns alunos
	Dificuldades em encontrar subsídios teóricos para trabalhar o tema
	Pouco tempo para o preparo e a execução das atividades
	Dificuldade para reunir os docentes participantes do projeto
	A má utilização de algumas atividades avaliativas
	A forma como o projeto foi finalizado
	Dificuldade em integrar a disciplina técnica no planejamento das ações
	A falta de comprometimento de alguns docentes

Fonte: Questionário aplicado pelos autores após o encerramento do PI.

Em relação aos pontos positivos, os professores apontaram diversos aspectos, os quais podem ser encontrados em outras experiências que também buscaram materializar o currículo integrado na EPT, seja por meio de um PI, por uma oficina de integração⁵ ou por projetos interdisciplinares, como a interação entre as disciplinas (CARVALHO, 2019), a participação ativa do aluno na construção do conhecimento (CARVALHO, 2019; CRUZ et al., 2015), a realização de pesquisa por parte dos alunos (CARVALHO, 2019; ROCHA; SILVA; FONSECA, 2017; GRÜMM; CONTE; LIDANI, 2016) e a construção do conhecimento de forma integrada (PAULON; VIEIRA, 2017; SILVA; GIOTTO, 2016; CRUZ et al., 2015).

No que concerne aos pontos negativos, também é possível encontrar situações semelhantes às apresentadas pelos professores em outros trabalhos, como a resistência por parte dos alunos (CARVALHO, 2019; LIMA, 2017), tempo insuficiente para o desenvolvimento da proposta (CARVALHO, 2019), a má utilização de atividades avaliativas (CARVALHO, 2019) e a falta de comprometimento de alguns docentes (CARVALHO, 2019; LIMA, 2017; OBERDERFER et al., 2016).

⁵ Segundo Silva (2014,p.72) as oficinas de integração se caracterizam pela “...criação de um ambiente que favoreça o diálogo e o aprendizado entre educadores e educandos, a experimentação, a reflexão e a teorização, a resolução de problemas do cotidiano e a participação efetiva de todos os envolvidos.”

Os aspectos mencionados nas respostas, tanto positivos quanto negativos, indicam que o êxito de uma proposta integradora, como o PI, depende de diferentes fatores. Contudo, o entendimento da proposta por parte de gestores, professores e alunos aliado ao seu comprometimento, ainda são o eixo fundamental.

Quadro 13 – Sugestões para o aprimoramento do projeto integrador

Conjunto de respostas
Apoio da gestão com a criação de tempos e espaços específicos para o planejamento e execução da proposta
Abranger mais temas e disciplinas
Incluir mais disciplinas técnicas
A forma como o projeto será finalizado
Ser ofertado em todo o ensino médio
Uma maior divulgação dos trabalhos desenvolvidos no projeto
Um período maior de tempo para a elaboração da proposta

Fonte: Questionário aplicado pelos autores após o encerramento do PI.

As sugestões apresentadas pelos professores, especificamente as relacionadas ao apoio da gestão, a ampliação dos temas e disciplinas, e do tempo para a elaboração da proposta, vão ao encontro dos resultados encontrados por Carvalho (2019), que buscou verificar o entendimento docente a respeito de interdisciplinaridade e projetos integradores no IFRN - Campus Pau dos Ferros. O apoio da gestão também foi apontado como sugestão pelos professores participantes da pesquisa realizada por Lima (2017), que buscou verificar a percepção de um grupo de professores a respeito das possibilidades de integração em um curso de ensino médio integrado.

Outro ponto destacado, a maior divulgação dos trabalhos desenvolvidos no projeto, foi contemplado em trabalhos desenvolvidos por Silva-Pereira, Santos e Oliveira Neto (2017) e Paulon e Vieira (2017), que após desenvolverem experiências integradoras entre disciplinas do ensino técnico e do ensino básico, estenderam os resultados alcançados a comunidade externa às instituições, por meio de um jogo digital e banners, respectivamente.

4.2.2 As corporalidades indígenas como tema de um projeto integrador

Nesse segundo tópico, a análise se refere às perspectivas de um PI tendo como tema as corporalidades indígenas. Para tanto, as questões objetivaram verificar se os professores conheciam o tema (quadro 14), se o consideravam relevante para a EPT (quadro 15), se o trabalho apenas na sua disciplina seria melhor (quadro 16) e de que forma o PI colaborou para que o aprendizado das corporalidades indígenas fosse significativo (quadro 17).

Quadro 14 – Conhecimento a respeito do tema do projeto

Conjunto de respostas	V.a.	%
Não	5	71,4
Sim	2	28,6

Fonte: Questionário aplicado pelos autores após o encerramento do PI.

Quadro 15 – Relevância do tema para a Educação Profissional e Tecnológica

Conjunto de respostas	V.a.	%
Sim	Pois valoriza a diversidade cultural existente no Brasil	4 57,1
	Mas desde que seja desenvolvido de uma forma interdisciplinar	2 28,6
	Em razão de valorizar o contexto sociocultural em que o aluno está inserido	1 14,3

Fonte: Questionário aplicado pelos autores após o encerramento do PI.

As análises das respostas dessas duas questões nos mostram que, apesar de a maior parte dos professores não possuírem um conhecimento anterior a respeito do tema, todos acreditam ser importante a sua inserção na EPT. Dentre as justificativas para tal entendimento, a valorização da diversidade cultural existente no Brasil também foi apontada em outros dois trabalhos - uma oficina de integração e um projeto interdisciplinar - realizados com a temática indígena na EPT.

Agne, Dalbosco e Jonck (2016) desenvolveram uma oficina de integração com uma turma do Proeja⁶, enquanto que Cury, Souza e Moniz (2018) realizaram um projeto interdisciplinar com alunos do ensino médio integrado. Em ambas as experiências, o retorno positivo assinalado pelas falas dos alunos e dos professores envolvidos na proposta, demonstra que a temática indígena pode colaborar de forma significativa no processo formativo dentro da EPT.

Essa convergência de ideias no que tange a valorização da diversidade cultural, nos mostra que as propostas caminham na direção da contemplação de um dos princípios fundamentais da EPT, que é a formação humana integral (RAMOS, 2008). Este princípio é composto por três dimensões: trabalho, ciência e cultura. Dessa maneira, como as propostas incidem sobre uma das partes, a cultura, a sua pertinência na EPT é válida.

Quadro 16 – O resultado do trabalho com esse tema seria melhor caso fosse feito por cada disciplina de forma isolada

Conjunto de respostas	V.a.	%
Não	Pois a contribuição de cada disciplina foi fundamental	6 85,7
	Em razão das limitações da disciplina técnica	1 14,3

Fonte: Questionário aplicado pelos autores após o encerramento do PI.

⁶ A utilização de uma experiência com um público diferente daquele utilizado nesse trabalho, no caso a Educação de Jovens e Adultos, deve-se a escassez de trabalhos com a temática indígena e com o currículo integrado em instituições que atuam na EPT.

Quadro 17 – Contribuições do projeto integrador para que o aprendizado das corporalidades indígenas fosse significativo

Conjunto de respostas
Promoveu uma participação ativa na construção do conhecimento acerca de povos tradicionais de sua região
Ressaltou aspectos culturais do contexto em que os alunos estão inseridos
Possibilitou o contato direto com indígenas em uma aldeia
Oportunizou o estabelecimento de relações entre os conhecimentos da disciplina de química e as culturas indígenas
Valorizou a autonomia dos alunos na construção do conhecimento
Possibilitou aos alunos relacionarem conhecimentos filosóficos, históricos e literários
Promoveu reflexões críticas a respeito dos estereótipos e preconceitos em relação aos indígenas

Fonte: Questionário aplicado pelos autores após o encerramento do PI.

Todos os professores concordaram que o trabalho com a temática indígena envolvendo todas as disciplinas é mais efetivo do que de forma isolada. Dentre as contribuições apontadas, em relação a atuação do projeto integrador para potencializar o aprendizado, Cury, Souza e Moniz (2018) também verificaram que uma das contribuições proporcionadas foi a promoção de reflexões críticas em relação ao preconceito sofrido pelos povos indígenas.

Os aportes apresentados pelos docentes indicam como a vivência do PI foi importante para a formação dos alunos. Eles tiveram acesso ao conhecimento de forma integrada, puderam ter uma participação ativa na construção do conhecimento e as experiências vivenciadas tinham uma forte relação com o seu contexto. Este último ponto, aliás, talvez seja o mais significativo, já que, apesar de o contato com indígenas ser corriqueiro no seu dia a dia, ainda havia muitos entendimentos distorcidos sobre esses povos, o que acarretava em visões preconceituosas e até mesmo desprezíveis.

4.2.1 Percepções dos alunos a respeito do projeto integrador sobre as corporalidades indígenas

Nesse tópico dos alunos, a análise se relaciona com percepção deles a respeito das experiências vivenciadas no PI sobre as corporalidades indígenas. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar a sua satisfação pela experiência (quadro 18), os pontos positivos e negativos observados (quadro 19) e se o trabalho em conjunto das disciplinas é melhor do que de forma isolada (quadro 20).

Quadro 18 – Satisfação em relação a vivência do projeto integrador

Conjunto de respostas	V.a.	%
------------------------------	-------------	----------

Sim	Porque ampliou as possibilidades do conhecimento	17	48,6
	Por possibilitar o entendimento de que o conhecimento é constituído pela interação de diferentes áreas	11	31,4
	Pois diminuiu a quantidade de atividades das disciplinas	4	11,4
Não	Em razão de algumas disciplinas terem dificuldade em abordar o tema	2	5,7
	Porque foi difícil compreender a temática sendo abordada por várias disciplinas ao mesmo tempo	1	2,9

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

A maior parte dos alunos demonstrou satisfação em relação a participação no PI. No que concerne aos motivos, a diminuição da quantidade de atividades das disciplinas também foi encontrado em trabalho realizado com projeto integrador por Braga *et. al.* (2017), o que nos indica que as atividades avaliativas podem estar sendo aplicadas em excesso.

Em relação aos motivos que levaram alguns alunos a não ficarem satisfeitos com a vivência do PI, percebe-se que se referem a dificuldades de entendimento no processo de ensino e aprendizagem. É uma situação, de certa forma, esperada, visto que os professores participantes da proposta não possuíam experiência com esse tipo de trabalho. Sendo assim, são necessários ajustes na realização de futuras propostas, para que haja o seu aprimoramento, como podemos encontrar na literatura (SILVA; COSER, 2012).

Quadro 19 – Pontos positivos e negativos do projeto integrador

Conjunto de respostas	
Positivos	Tema relevante
	A presença de aulas práticas
	A realização de aulas de campo
	A realização de atividades interdisciplinares
	A vivência de atividades em grupo
	A desconstrução de condutas preconceituosas
	Aulas mais atrativas
	A valorização das culturas indígenas
Negativos	Informações insuficientes sobre o tema em algumas disciplinas
	Condições inadequadas para aulas práticas (ex: calor excessivo)
	Pouco contato com os indígenas
	Alta quantidade de atividades nas disciplinas
	Permanência prolongada do mesmo assunto nas aulas
	Dificuldade em realizar trabalhos em grupo
	Tempo insuficiente para aprofundar alguns assuntos do tema
	A falta de comprometimento dos alunos

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

Os alunos apontaram vários pontos positivos e negativos acerca da experiência vivenciada. Em relação aos positivos, no trabalho desenvolvido por Cury, Souza e Moniz

(2018), a realização de atividades interdisciplinares também foi destacada pelos alunos participantes. Já Paulon e Vieira (2017) e Oberderfer *et. al.*, (2016) relataram que os alunos ressaltaram que as aulas foram mais atrativas.

Percepções similares às apresentadas pelos alunos também foram encontradas na literatura em relação aos aspectos negativos. Braga *et. al.* (2017) verificaram que os participantes de sua intervenção apontaram para informações insuficientes sobre a temática em algumas disciplinas e também pouco tempo para o aprofundamento de alguns assuntos.

De um modo geral, podemos verificar que os pontos positivos destacados pelos alunos estão relacionados a mudanças metodológicas possibilitadas pelo PI e ao trabalho com um tema de extrema importância. Nos pontos negativos, os ajustes na proposta visando seu aprimoramento, deverão minimizar ou acabar com os principais pontos mencionados.

Quadro 20 – Abordagem do conteúdo nas disciplinas de forma isolada ou em conjunto

Conjunto de respostas		V.a.	%
Conjunto	Pois o conhecimento é compreendido de forma integrada	12	34,3
	Porque facilita o aprendizado	6	17,1
	Pelo fato de diminuir o volume de atividades das disciplinas	6	17,1
	Mas com as disciplinas mantendo a sua especificidade	3	8,6
	Desde que as áreas de atuação de cada disciplina tenha mais proximidade	1	2,9
	Por tornar possível o aprofundamento do estudo sobre determinado tema	1	2,9
Isolada	Por ser mais fácil o aprendizado	6	17,1

Fonte: Questionário final aplicado pelos autores

Na última pergunta, a maior parte dos alunos assinalou que prefere o desenvolvimento do conteúdo de forma integrada ao invés de isolada. A principal justificativa apresentada foi pelo fato de o conhecimento ser compreendido de modo integrado. Essa mesma percepção dos alunos também foi encontrada nos trabalhos desenvolvidos por Oberderfer *et. al.* (2016), que apresentou uma experiência desenvolvida com um PI, e Silva, Greggio e Agne (2020), que verificaram a percepção de estudantes a respeito dos projetos integradores e das oficinas de integração.

Em relação aos alunos que ainda preferem o trabalho isolado pelas disciplinas, a justificativa é pelo fato de o aprendizado ser mais fácil. Isto pode estar relacionado com questões metodológicas e/ou domínio do tema por parte dos professores participantes. Caso esteja relacionado, o aperfeiçoamento de projetos posteriores poderá resultar na mudança desse entendimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por finalidade analisar as contribuições que o estudo das corporalidades indígenas nas aulas de Educação Física podem proporcionar a estudantes de uma escola não indígena, a partir do desenvolvimento de um PI. Em relação à vivência da experiência com as corporalidades indígenas, as respostas dos alunos apontaram o impacto positivo gerado pela intervenção, em que a maior parte demonstrou ter mais conhecimento a respeito das culturas indígenas, em especial as suas corporalidades, assim como a necessidade de respeitá-las e valorizá-las. No que diz respeito aos limites e possibilidades de um PI, as repostas de alunos e professores indicam que o PI pode colaborar de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem, inclusive na temática proposta, as corporalidades indígenas. Contudo, há situações que limitam o seu desenvolvimento e que devem ser considerados no processo de planejamento.

Os resultados positivos encontrados por meio da pesquisa ressaltam a importância da escola na difusão de saberes tradicionais, tais como os dos povos indígenas, que geralmente são excluídos dos ambientes de ensino formal, o que contribui para a perpetuação de condutas desrespeitosas e discriminatórias contra esses grupos sociais.

A efetividade de um processo de ensino e aprendizagem que tenha como tema as culturas indígenas está relacionado com o seu vínculo aos princípios interculturais. A partir de uma educação intercultural é possível promover a interação com os conhecimentos oriundos das sociedades indígenas de modo que não sejam apenas tolerados, mas valorizados e tendo a sua importância na construção da nossa sociedade reconhecida.

A criação de instrumentos legais, como as Leis 10.639/03 e 11.645/08, são fundamentais para que os conhecimentos de grupos sociais minoritários, como os povos indígenas, estejam presentes no ambiente escolar. A respeito das referidas Leis, embora haja limitações na implantação dos aspectos mencionados no texto, podemos notar avanços, principalmente no surgimento, cada vez maior, de propostas sistematizadas a respeito das temáticas e por trazer à tona a necessidade de se discutir as questões étnico-raciais para além das datas comemorativas.

Queremos reforçar, também, a necessidade de que os conhecimentos dos povos indígenas, sem tanto prestígio nos currículos, tenham ações sistematizadas para a sua inserção no ambiente escolar. Encontramo-nos em um momento político-social no Brasil, em que os

grupos sociais minoritários são atacados frequentemente, acarretando em um retrocesso em relação aos avanços conquistados nas relações interculturais. Especificamente sobre os povos indígenas e concordando com Eduardo Viveiros de Castro (VIVEIROS DE CASTRO, 2019) estamos vivenciando uma forte ofensiva contra esses povos.

Nesse sentido, a utilização do PI pode ser muito fecunda. Como professores e alunos apontaram, a principal contribuição proporcionada pelo PI é a busca pela integração das áreas do conhecimento. Embora a forma como a realidade se apresenta seja integrada, ao longo da história a produção do conhecimento foi sendo, progressivamente, fragmentada. Este fato culminou no surgimento das disciplinas, primeiramente no ambiente científico e, posteriormente, no ambiente escolar. Esta fragmentação, contudo, prejudicou o acesso ao conhecimento. O PI, ao viabilizar a aproximação dos saberes, por meio da atuação em conjunto das disciplinas, supera essa limitação e torna o processo de ensino e aprendizagem mais significativo para professores e alunos.

A despeito do enaltecimento da integração dos conhecimentos, cabe ressaltar também o reconhecimento da valorização da diversidade cultural, sobretudo por se tratar de uma instituição de EPT. Comumente, acredita-se que em ambientes educativos desse sistema de ensino, a predominância dos conhecimentos técnicos deveriam se sobressair em detrimento aos de natureza cultural. Contudo, como as respostas nos mostram, estes últimos são tão importantes quanto, até porque a presença deles é fundamental para alcançar a formação humana integrada preconizada nos documentos norteadores da EPT.

Como apontamentos a serem observados para uma experiência exitosa com PI, ressaltamos a necessidade da confluência entre as políticas públicas e os papéis exercidos por gestores, professores e alunos. É fundamental que haja infraestrutura adequada, programas de formação continuada, a criação de tempos e espaços adequados no ambiente educacional e o comprometimento de professores e alunos. É a articulação desses diferentes fatores que possibilitará uma maior ou menor chance de sucesso com o PI.

Por fim, é importante frisar que as discussões e as tentativas de efetivação do currículo integrado nas instituições educacionais no país se acentuam cada vez mais, sobretudo na EPT. Experiências com projetos integradores, oficinas integradoras e projetos interdisciplinares são realizadas em diversos lugares na tentativa de superar a histórica fragmentação curricular, sendo que o seu êxito está condicionado a colaboração de todos os envolvidos com o ambiente escolar. Do mesmo modo, não podemos nos esquecer da nossa responsabilidade,

como coparticipantes da formação dos sujeitos que irão exercer os papéis sociais futuramente, em concebermos um processo formativo que reconheça e valorize a diversidade cultural existente em nosso país, para que as relações estabelecidas entre sujeitos oriundos de culturas diferentes se constitua em uma oportunidade de crescimento mútuo.

REFERÊNCIAS

AGNE, Sandra Aparecida Agne; DALBOSCO, Talita; JONCK, Gisela Gertrudes. **Remédio de Índio**: contextualizando interdisciplinarmente os saberes populares e saberes escolares. In: Adriano L. da Silva; Saionara Greggio; Roberta Pasqualli; Sandra Aparecida Antonini Agne. (Org.). O Currículo Integrado no Cotidiano da sala de aula. 1ed. Florianópolis: IFSC, 2016, v. 1, p. 90-105.

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; SUASSUNA, Dulce Maria Figueira de Almeida. Esporte e cultura: análise acerca da esportivização de práticas corporais nos jogos indígenas. **Pensar a Prática (UFG. Impresso)**, v. 13, p. 1-18, 2010.

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; SUASSUNA, Dulce Maria Figueira de Almeida; GRANDO, Beleni Saléte. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, p. 59-74, 2010.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento (Porto Alegre) JCR**, Porto Alegre, v. 06, n.12, p. XIV-XXIV, 2000.

BRAGA, Adriano Honorato; MONTEIRO, Eneida Aparecida Machado; SANTOS, Mairon Marques; CUNHA, Flávia Bastos. **Projeto integrador**: análise de uma experiência do IF Goiano Campus Ceres. In: Adilson Cesar Araújo; Cláudio Nei Nascimento da Silva. (Org.). Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios. 1ed. Brasília: IFB, 2017, v. 1, p. 216-226.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa**: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (orgs.). (Org.). Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

_____; BORGES, Maristela Corrêa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, p. 51-62, 2007.

CABRAL, Maurício Martins; SANTOS FILHO, Alexandre Silva dos. Cultura e Educação na Amazônia Oriental: Práticas corporais na comunidade Parkatêjê. **REVISTA EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO**, v. 13, p. 08-32, 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 161, p. 802-820, 2016.

_____; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e Educação: na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional (PUCPR)**, v. 10, p. 171-189, 2010.

CARVALHO, Leonardo Emmanuel Fernandes. **Articulando saberes: concepção docente sobre interdisciplinaridade e a prática dos projetos integradores dos cursos técnicos integrados do IFRN, CAMPUS Pau dos Ferros**. Dissertação (Mestrado em Educação).

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2019.

CRUZ, Bruna Paula da; BORGES, João Felipe Barbosa; VIANA, Ana Paula Rocha; FREITAS NETO, Michele Maria; BARROS, Fabiana Castro Carvalho. **O Projeto Integrador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - Campus Itaperuna, RJ: uma experiência em integração e interdisciplinaridade.** EDUCAÇÃO & TECNOLOGIA, v. 20, p. 45-58, 2015.

CURY, Iára Leme Russo; SOUZA, José Gilberto; MONIZ, Maria Isabel d'andrade. **Interdisciplinaridade: uma prática para a compreensão da questão indígena.** In: 6º Encontro Regional de Ensino de Geografia: Ensinar Geografia com a diferença e com a política, 2018, Campinas. Anais do 6º Encontro Regional de Ensino de Geografia: Ensinar Geografia com a diferença e com a política, 2018.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo.** Papirus: Campinas, 2013. 17ª ed.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DOMINGOS JUNIOR, Moaldecir Freire; SILVA, Gustavo Henrique; SALES, Josilane dos Santos CARLOS, Camila Ursula Batista; SILVA, Luiz Arhur Nunes. **Corpo, cultura de movimento e Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física. CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE,** v. 8, p. 21-32, 2017.

FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Educação, Sociedade & Culturas,** Portugal, v. 16, n.16, p. 45-62, 2001.

_____. **Educação intercultural: desafio polissêmico.** In: Frank Antonio Mezzomo, Cristina Satiê Pátaro, Fábio André Hahn. (Org.). Educação, identidades e patrimônio. 0ed.Assis: FECILCAM/Triunfal Grafica e Editora, 2012, v. , p. 15-33.

_____. Aprender com os povos indígenas. **Revista de Educação Pública,** v. 26, p. 277-294, 2017.

GRANDO, Beleni Saléte. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT.** Florianópolis: Tese (Doutorado em Educação), UFSC, 2004.

_____. **Corpo e Cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT. Pensar a Prática (UFG),** Goiânia-GO, v. 8, n.2, p. 163-179, 2005.

_____; HASSE, Manuela. **Índio Brasileiro, Integração e Preservação.** In: Reinaldo Matias Fleuri. (Org.). Intercultura: Estudos Emergentes. 1ed.Ijuú-RS: Unijuí, 2002, v. 1, p. 101-116.

_____; PINHO, Vilma Aparecida. **As questões étnico-raciais e a educação física: bases conceituais e epistemológicas para o reconhecimento das práticas corporais afro-brasileiras e indígenas.** In: Luciano Nascimento CORSINO & Willian Lazaretti. (Org.).

Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2016, v. 11, p. 25-44.

GRÜMM, Cristiane Aparecida; CONTE, Hugo Donato Lazzari; LIDANI, Rangel. "**Você conhece a sua história?**": uma experiência para pensar o currículo integrado. In: Adriano Larentes da Silva; Roberta Pasqualli; Saionara Greggio; Sandra Aparecida Antonini Agne. (Org.). O currículo integrado no cotidiano da sala de aula. 1ed.Florianópolis: Editora do IFSC, 2016, v. 01, p. 52-70.

HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento; NASCIMENTO, José Mateus do. **Sobre práticas integradoras**: um estudo de ações pedagógicas na educação básica. Holos (Natal. Online), v. 4, p. 63-76, 2015.

KEMPE, G. C. **Práticas corporais indígenas inseridas à educação física escolar não indígena**. 159f. Dissertação (Mestrado em Reabilitação e Inclusão). Centro Universitário Metodista – IPA, Porto Alegre, 2015.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Vozes, 2011, 405 p.

LIMA, Clara Paula de. **A Educação Profissional e o currículo integrado no curso técnico em eletromecânica no IFRO – Campus Vilhena**. Dissertação (Mestrado profissional em Educação Escolar). Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado Profissional, Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2017.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. **Teorias de Currículo**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 1. 279p .

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Ensino médio e técnico com currículos integrados**: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: JAQUELINE MOLL & Colaboradores. (Org.). Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades. 1ªed.Porto Alegre, RS: ARTMED EDITORA S.A., 2009, v. , p.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas ISSN 1414-722X. **Esboços (UFSC)**, PPGHistória/UFSC Florianópolis, v. 9, p. 87-101, 2002.

MARKUS, Cledes. **As contribuições da Concepção Indígena do Bem Viver para a Educação Intercultural e Descolonial**. 2018. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MAUSS, Marcel. "**As Técnicas Corporais**". In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MOREIRA, Antônio Flavio; CANDAU, Vera. **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: SEB/MEC, 2008.

MOREIRA, Anália de Jesus; SILVA, Maria Cecília de Paula. **A Lei nº 10.639/2003 e o ensino da educação física**: confrontos históricos. In: Luciano Nascimento Corsino; William

Lazaretti da Conceição. (Org.). Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. 01ed.Curitiba: CRV, 2016, v. 11, p. 45-58.

OBERDERFER, Lara Popov Zambiasi Bazzi; PASQUALLI, Roberta; BRESOLIN, Ademir; CALEGARO, Bruno Crestani. **O Currículo Integrado e o Ensino da Informática: Práticas Interdisciplinares.** O Currículo Integrado no Cotidiano da Sala de Aula. In: SILVA, A. L. (Org.) ; AGNE, S. (Org.) ; G, S. (Org.) ; PASQUALLI, R. (Org.). O Currículo Integrado e o Ensino da Informática: Práticas Interdisciplinares. O Currículo Integrado no Cotidiano da Sala de Aula. 1ed.Florianópolis: IFSC, 2016, v. 1, p. 46-69.

OLIVEIRA, Rogério Cruz; DAOLIO, Jocimar. Educação intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática (Online)**, v. 14, p. 1-11, 2011.

PACHECO, Eliezer. **Os Institutos Federais: Uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica.** 1. ed. Natal/RN: IFRN, 2010. v. 1. 26p.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental.** (Tese de Doutorado). Campinas: UNICAMP, 1996.

PAULON, Alessandra Ciambarella; VIEIRA, Daniel Pais Pires. **Química e a história em suas relações no século xx:** um caso de projeto interdisciplinar na sala de aula. In: Adilson cesar Araújo; Cláudio Nei Nascimento da Silva. (Org.). Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios. 1ed.Brasília: IFB, 2017, v. 1, p. 216-226.

RAMOS, Marise Nogueira. **Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado.** In: Marise Ramos; Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta. (Org.). Ensino Médio Integrado: Concepção e Contradições. 1ed.São Paulo: Cortez, 2005, v. 1, p. 106-127.

_____. **Concepção do ensino médio integrado.** Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias 8 e 9 de maio de 2008.

_____. **História e política da educação profissional.** 1. ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. v. 1. 121p.

ROCHA, Alessandra da; SILVA, Maria Lúcia Ravela Nogueira da; FONSECA, Paola Barros de Faria. **Projeto integrador do campus avançado São João da Barra.** In: IV COLÓQUIO NACIONAL E I INTERNACIONAL A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: a reforma do ensino médio (Lei 13.415/2017) e suas implicações para a educação profissional, 2017, Natal - RN. Anais do IV COLÓQUIO NACIONAL E I INTERNACIONAL A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: a reforma do ensino médio (Lei 13.415/2017) e suas implicações para a educação profissional. Natal: IFRN, 2017. v. I. p. 01-12.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Fabio Machado da; GIOTTO, Joce Mary Mello. **As oficinas de integração do curso técnico de nível médio integrado em informática do IFSC, câmpus chapecó:** uma análise contextual. In: Adriano Larentes da Silva; Saionara Greggio; Sandra Aparecida Antonini

Agne; Roberta Pasqualli. (Org.). O Currículo Integrado no Cotidiano de Sala de Aula. 1.ed. Florianópolis: Publicação fo IFSC, 2016, v.1, p.84-93.

SILVA, Adriano Larentes da; COSER, Joni. **A experiência do Projeto Integrador I no curso de PROEJA em Eletromecânica do IF-SC Campus Chapecó**. Revista Técnico-Científica (IFSC), v. 1, p. 9-19, 2012.

_____. **Currículo Integrado**. 1. ed. Florianópolis: Editora do IFSC, 2014. 97p .

_____; GREGGIO, Saionara; AGNE, Sandra Aparecida Antonini. **A integração curricular na percepção dos estudantes de três campus do Instituto Federal de Santa Catarina**. Revista Brasileira de Educação Profissional E Tecnológica, v. 1, p. e7929, 2020.

SILVA-PEREIRA, Liz Carmem; SANTOS, José Ribamar Azevedo dos; OLIVEIRA NETO, Manoel Gonzaga de. **Metodologias integradoras na educação profissional: construindo a ponte entre a base comm e as disciplinas técnicas no ensino técnico integrado**. In: Adilson Cesar Araújo E Cláudio Nei Nascimento Da Silva. (Org.). Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios. 1ed.brasília: editora IFB, 2017, v. 1, p. 150-165.

TENORIO, Jederson Garbin; LOPES DA SILVA, Cintia. As práticas corporais indígenas como conteúdo da educação física escolar. **Teoria e Prática da Educação**, v. 17, p. 81-91, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO: “Estamos assistindo uma ofensiva final contra os povos indígenas”. **El País Brasil**, 12 de out. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/11/politica/1570796332_223092.html. Acesso em: 20 de jan. de 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo.; SEEGER, Anthony.; DA MATTA, Roberto. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. 1979. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, V. M. (Org.) Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA







APÊNDICE A – ENCARTE DO PRODUTO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Campus Porto Velho Calama

Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação

Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional - PROFEPT

Apêndice A – Encarte do Produto Educacional

Blog “Corporalidades indígenas na EPT”

Autor: Fabrício Gurkewicz Ferreira

Orientador: Lediane Fani Felzke

1. DESCRIÇÃO DO PROCESSO OU PRODUTO EDUCACIONAL

a. Introdução/Justificativa (apresentação da proposta);

1.1 Tecnologias e sociedade

Os mestrados profissionais, como o ProfEPT, possuem como pré-requisito para a sua conclusão, o desenvolvimento de um produto educacional. Este produto deve estar vinculado as situações concretas do processo de ensino e aprendizagem e oferecer possibilidades para que ele seja potencializado. No caso deste trabalho, o produto é um blog. Para que compreendamos a pertinência da sua escolha, é necessário, inicialmente, verificarmos a importância da tecnologia na sociedade e na educação.

O desenvolvimento tecnológico é uma característica que acompanha a sociedade ao longo de toda a história. Por questões de sobrevivência, de conforto ou de uma melhor qualidade de vida, incessantemente o homem busca elaborar ou aprimorar recursos para que a sua vida seja facilitada. Nesse sentido, as tecnologias representam o esforço social para que ocorram transformações, preferencialmente benéficas na vida humana, embora nem sempre isso ocorra. E, atualmente, as suas possibilidades se tornaram sem precedentes.

As tecnologias tem por finalidade viabilizar a relação do homem com o seu meio, o que destaca uma das características principais do ser humano que é fazer o uso de ferramentas e signos para intermediar as suas relações. E, nesse processo de interação com o mundo, assessorado pelos recursos tecnológicos, o ser humano aumenta a sua capacidade de

compreensão daquilo que está ao seu redor, assim como as maneiras de intervir (RAMOS, 2011).

Bianchi, Pires e Vanzin (2009, p.57) entendem que "A tecnologia é um dos principais elementos constituintes da modernidade. Ela alterou a forma de viver e de se relacionar do indivíduo, além de promover desenvolvimento científico e tecnológico". Essas alterações proporcionadas pelo advento da tecnologia, tornam-se cada vez mais acentuadas com o passar do tempo, inclusive na relação com os próprios recursos tecnológicos, o que implica em novos modos de comunicação e aprendizado.

As tecnologias nos possibilitam alcançar determinada finalidade, ou seja, elas não são a nossa atividade fim. Nesse sentido, por meio delas, torna-se possível a construção de novos espaços de aprendizagem, como por exemplo, estarmos aprendendo na mesma sala, mas a partir de lugares distantes (MORAN, 2004a).

De acordo com Valente (2018), a influência que as mídias e os recursos tecnológicos, com o auxílio da internet tem em nossas vidas é significativo e vai desde as atividades desenvolvidas até a forma como as pessoas pensam, resolvem os seus problemas, entram em contato com a informação e constroem as suas relações sociais.

Em todo o caso, sendo entendida como meio, a tecnologia será boa ou ruim dependendo do uso que fizermos dela. Ela nos possibilita encontrar o que procuramos, mas também o que não desejamos. Em razão da facilidade do acesso à informação, entramos em contato com diferentes fontes, que possuem graus de confiabilidade variável e que estão de acordo com visões de mundo distintas. Desse modo, selecionar, avaliar e contextualizar tudo que encontramos é um processo complexo (MORAN, 2013b).

1.3 Tecnologias na educação

O uso das tecnologias no ambiente educacional não implicará em mudanças instantâneas no trabalho pedagógico. Como elas são uma ferramenta auxiliar, podem servir tanto a uma perspectiva conservadora quanto progressista. Uma pessoa com perfil autoritário utilizará esses recursos para que os outros estejam ainda mais sobre o seu controle. Já uma com perfil flexível, irá encontrar novos meios de melhorar as suas relações (MORAN, 1995).

A utilização das tecnologias não assegura que as práticas pedagógicas serão modificadas. O professor pode fazer uso dos recursos disponibilizados na internet ou dos softwares mais modernos e não estimular o aluno a ser ativo, criativo e colaborativo na

construção do seu conhecimento. Além disso, os próprios alunos podem continuar a se valer de práticas reprodutoras, como a cópia de conceitos e textos de formas diferenciadas, mas que permanecem sem fazer sentido e limitam a sua aprendizagem (RAMOS, 2011).

Na conjuntura atual, em que se vislumbram grandes possibilidades pela relação entre a educação e a tecnologia, a atuação do ser humano é fundamental, para que esses recursos contemplem as finalidades pedagógicas almejadas. A partir desse entendimento, compreende-se que a tecnologia por si só é incapaz de promover mudanças no ambiente educacional. A tecnologia só trará contribuições ao ambiente escolar por meio da ação humana, "pois esta depende do planejamento, dos objetivos definidos, das estratégias didático-pedagógicas e do modo como é utilizada." (RAMOS, 2011, p. 57).

Para que as mudanças ocorram na educação, a tecnologia não é o ponto essencial, mas sim que os atores desse ambiente, representados nas figuras dos alunos, professores e gestores, alcancem um nível adequado de maturidade intelectual, emocional e ética. Além disso, as atitudes de curiosidade, entusiasmo e a abertura ao diálogo são condições fundamentais para que a interação ocorra e que haja o aprendizado mútuo nesse processo. (MORAN, 2013a).

Ao analisarmos a escola, perceberemos que ela se caracteriza mais por ser tradicional do que inovadora. Desse modo, verificamos uma resistência a mudança nessa instituição, que pode ser constatada pela predominância ainda existente dos modelos de ensino centrado no professor, apesar do avanço de estudos que deslocam o foco para a aprendizagem. Isso posto, é necessário que haja cuidado nos processos de inovação na educação, como por exemplo na virtualização das aulas, para que a mudança só ocorra no ambiente e os métodos continuem o mesmo (MORAN, 2013a).

O acesso imediato a informações proporcionado pelas tecnologias atuais, como a internet, faz com que o professor se encontre em uma nova posição, na qual não é o detentor único do conhecimento. Nesse sentido, o professor precisa ampliar as suas possibilidades de atuação, colocando-se novamente em condição de aprendiz, para se apropriar das novas tecnologias e saber utilizá-las em sua aula (GERALDI; BIZELLI, 2015).

Desse modo, o acréscimo das tecnologias no espaço escolar, deve estimular o professor a promover mudanças em sua prática educativa, tais como novas opções metodológicas, novos arranjos comunicacionais com os alunos, novas maneiras de introduzir

um tema, de avaliar os alunos, e de realizar o trabalho tanto no modo presencial quanto virtual (MORAN, 2000).

Além de encontrar a melhor forma para que a integração entre a tecnologia e a sua metodologia atenda às necessidades do seu contexto, cabe ao docente se apropriar e melhorar as possibilidades de comunicação entre pessoas e grupos e também nos meios audiovisual e telemático.

Para Bianchi, Pires e Vanzin (2009) o advento da tecnologia no ambiente escolar faz com que o papel do professor não se restrinja a transmitir informações, mas que de forma colaborativa com os alunos, possibilite a construção do conhecimento de uma forma questionadora e reflexiva.

Todas essas transformações proporcionadas pelas novas tecnologias fizeram com que a formação profissional de professores e as ações na educação escolar se tornassem bem mais complexas. Seja pela internet ou pelas mídias audiovisuais, a presença desses recursos no espaço escolar só faz sentido caso estejam alinhados a propósitos educativos. Nesse sentido, a escola deverá realizar as modificações necessárias, tanto na parte curricular quanto na parte estrutural, para que isso possa acontecer. O professor também não poderá ficar de fora dessas mudanças. Ele deverá estar mais preparado para o desenvolvimento de ações coletivas, sobretudo interdisciplinares. Além disso, de forma colaborativa, os professores terão um papel central para encontrar novos meios de utilizar as tecnologias nas aulas e integrá-las de forma efetiva no ambiente educacional (BIANCHI; PIRES; VANZIN, 2009).

Promover, então, a inserção das tecnologias na educação significa organizar um ambiente no qual esses recursos possam potencializar as ações educativas em que estejam presentes os professores e os alunos. Isso posto, cabe considerar que a inserção das tecnologias nas escolas não é uma questão simples de se resolver, visto que é permeada por aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, os quais interferem diretamente nesse processo (BIANCHI; PIRES; VANZIN, 2009).

A fim de que o ambiente escolar se apresente como um espaço propício ao desenvolvimento dos alunos, a sala de aula deverá estar conectada com aquilo que fazemos no nosso cotidiano. E, dessa forma, a presença das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)⁷ é obrigatória, já que essas tecnologias impactam a nossa vida em diferentes instâncias.

⁷ As TICs dizem respeito a um conjunto de ferramentas tecnológicas que possibilitam novos modos de se comunicar. Ex: computadores, celulares, redes sociais, etc.

1.4 Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no espaço educacional

A utilização das TICs no ambiente educacional se apresenta como um desafio para professores e para as instituições de ensino. Aproveitá-las apenas como um recurso didático significa limitar todo o seu potencial educativo. Nesse sentido, além das mudanças na atuação do professor, é fundamental que as instituições realizem modificações tanto em sua estrutura física quanto funcional. O processo de implantação dessas tecnologias na escola demanda reflexões a respeito das possibilidades do seu uso na sociedade, afim de que a sua apropriação pedagógica não ocorra de forma equivocada. Por isso, os recursos tecnológicos devem ser entendidos como ferramentas auxiliares que ampliam os resultados das práticas educativas, e não como substituto dos professores. (BIANCHI; PIRES; VANZIN, 2009).

De acordo com Bianchi, Pires e Vanzin (2009) as TICs podem assumir duas funções: 1) entretenimento, que tem por finalidade propiciar momentos de diversão e distração. 2) pedagógica, em que ela estará atrelada ao projeto político pedagógico da escola, sendo que, para a sua concretização, o professor deverá ter uma formação adequada.

O potencial educativo das TICs estará condicionado aos contextos social, cultural e financeiro, que limitará ou ampliará as possibilidades dos alunos e da escola. Sobretudo nas escolas públicas, pode-se notar que gestores, professores e alunos não estão preparados para explorar este potencial, visto que, apesar de consumirem a tecnologia, não possuem condições de propagar conhecimentos a partir dela.

Desse modo, a inserção das TICs no espaço escolar é insuficiente, já que é necessário integrar os sujeitos nessa cultura digital, a fim de que eles consigam estabelecer as suas ações nesse novo contexto. Por isso, a presença das TICs na escola deve estar acompanhada da exploração de todo o seu potencial, incluindo as possibilidades com a internet, como: "a comunicação todos-todos a qualquer momento e de qualquer lugar em que se tenha conexão disponível; os distintos caminhos de navegação por meio de nós e ligações que compõem as redes hiper midiáticas, a autoria;..." (GERALDI; BIZELLI, 2015, p.128).

Segundo Bianchi, Pires e Vanzin (2009) a estruturação de uma proposta pedagógica que eduque com e para as TICs, deve levar em consideração os seguintes pontos: 1) estar atenta as constantes transformações no campo da tecnologia. 2) Construir um currículo que possibilite uma educação de qualidade para todos os cidadãos. 3) Incentivar e propiciar as condições necessárias para que os professores sejam capazes de atuar com o suporte das TIC.

Para Ramos (2011), as TICs podem contribuir de maneira significativa nas aulas presenciais na escola, por meio da expansão do espaço e do tempo da sala de aula. Por exemplo, o professor poderá trabalhar com pesquisas na internet, a construção de blogs ou sites e fóruns de discussão. Essas ações serão viáveis com a utilização dos laboratórios de informática, que estão presentes em muitas escolas.

Bianchi e Pires (2010) listam três aspectos que limitam a efetividade das TIC na educação, 1) estratégias inadequadas para mobilizar os professores a se capacitarem, técnica e pedagogicamente, para o uso das TIC, 2) infraestrutura precária nas escolas, tanto nas condições materiais quanto técnicas, 3) quantidade excessiva de aulas ministradas pelos professores, o que atrapalha na participação de capacitações e no envolvimento em projetos e pesquisa relacionadas as TICs.

Mesmo com a realização de políticas públicas voltadas aos professores para o uso das tecnologias, nota-se a inconsistência das propostas no sentido de qualificar os professores para o trato crítico com as TICs. Como desdobramento dessa situação, os professores sentem dificuldades e, até mesmo receio, para planejar ações que envolvam a utilização das TIC em suas aulas.

Para Bianchi, Pires e Vanzin (2009) a adesão e o uso das TICs por parte dos professores estão condicionadas as experiências que tiveram com esses recursos na formação profissional; o domínio técnico sobre esses recursos; a disponibilidade dos recursos pela escola; a sensibilidade do professor quanto a importância de se utilizar as TIC.

O desenvolvimento das TICs está cada vez mais rápido e, na mesma intensidade, interfere no nosso modo de ser, de pensar e de agir. A evolução dos recursos nas últimas décadas, que tem o seu tamanho reduzido de forma inversamente proporcional a sua capacidade, visto os nano chips, tem possibilitado a ruptura das fronteiras em relação a interação entre pessoas. Nesse sentido, o contato com essa realidade já é algo tão comum para as pessoas, que nem estranham mais estarem presentes nos ambientes virtuais (KENSKI, 2004).

Apesar de toda essa evolução vivenciada no campo das TICs, problemas antigos ainda permanecem na escola. O desinteresse dos alunos, a desvalorização da carreira do professor, infraestrutura precária, altos índices de reprovação e desistência, acarretam na limitação da atuação de uma instituição que tem por finalidade a formação integral dos alunos, de modo que eles consigam atuar como cidadão críticos e autônomos na sociedade (RAMOS, 2011).

Portanto, a inclusão das TICs no espaço escolar não pode ser de forma compulsória, mas, sim, a partir da participação coletiva, em que sejam construídas resoluções por meio do diálogo e da exposição de dúvidas, expectativas e angústias. Como fruto de um planejamento colaborativo, as tecnologias podem, de fato, funcionar como meios para alcançar um processo educativo de mais qualidade (RAMOS, 2011).

O aumento na velocidade em que se pode dialogar e trocar informações provocados pela internet, potencializou a atuação das TICs na sociedade e, por conseguinte, na educação, já que ampliou as formas como se comunica, se escreve, se fala e se relaciona com o audiovisual. A internet hoje é utilizada para registros, publicações e comunicações entre as pessoas. Especialmente no Brasil, em que as pessoas gostam de se comunicar e se relacionar, presencial ou virtualmente, isso fica mais evidente. Não é à toa que os brasileiros ocupam massivamente as diversas redes sociais, como o instagram, twitter, blogs, podcasts, dentre outros (MORAN, 2013b). Aproveitando-se do alto volume de acesso por parte das pessoas, as redes sociais tem se tornado uma ferramenta útil na educação, sendo que o blog, é uma das que mais se destaca.

1.5 O blog como ferramenta auxiliar ao trabalho pedagógico

A palavra "Weblog" (arquivo web) foi utilizada pela primeira vez em 1997. Nessa época, os "weblogs" ou blogs⁸ não possuíam quase nenhuma diferença de um site comum. Contudo, a partir de 1999, com o surgimento da possibilidade de publicação, os blogs tiveram um crescimento considerável. Tendo em vista que essa plataforma não necessitava do domínio da linguagem HTML⁹, a sua utilização começou a ser direcionada para diversos usos, ainda mais quando foi acrescentada a ferramenta de comentários (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

De um modo geral, os blogs possuem uma estrutura em página web, na qual as postagens que são feitas seguem uma ordem cronológica. Essas postagens contém o conteúdo que o administrador da plataforma deseja compartilhar e pode ser por meio de texto, imagem ou vídeo. A interação entre as pessoas e o responsável pelo blog acontece por meio dos comentários, em que este estabelece se apenas um grupo restrito ou qualquer pessoa poderá comentar (ARAÚJO, 2009).

⁸ Blog é uma contração do termo "Weblog", que se tornou mais popular entre os usuários.

⁹ É a linguagem de programação base da internet.

O responsável pelo blog poderá personalizar a sua página de diferentes formas, tais como o nome, o endereço, a ordem de aparição das postagens, a aparência da página, como podem ser os comentários, dentre outros. Caso possua interesse, também poderá permitir que outras pessoas façam alterações nas configurações. Essa possibilidade de modificar a plataforma é uma das características que mais atrai novos usuários, já que podem modificar o espaço de acordo com os seus interesses (ARAÚJO, 2009).

Em razão da facilidade em criar e editar em comparação com outras plataformas virtuais, o crescimento dos blogs, com a popularização da internet, foi substancial. Se em suas origens, a sua principal finalidade era funcionar como um diário virtual para os jovens, rapidamente se tornou um instrumento de compartilhamento de ideias relacionadas a atividades profissionais, tais como, jornalistas, políticos e professores. Desse modo, começaram a surgir redes interativas e colaborativas voltadas para a aprendizagem (MACHADO, 2017; OLIVEIRA, 2009).

Ao aproximar grupos que construíram relações de interesses afins, os blogs se tornaram um espaço em que a sua finalidade estava atrelada a especificidade do seu público, o que culminou em atrair "...a atenção desse público em uma via de mão dupla que permite ao receptor interagir com o emissor, bem como o receptor ser o emissor constituindo-se como um leitor-autor, em qualquer lugar e a qualquer hora" (MIRANDA, 2010, p.216). Dessa maneira, não só se apresentam como uma plataforma para a disseminação de conhecimentos sobre determinado assunto, como também potencializam o acesso e o consumo de informações.

Para Miranda (2010) os blogs se destacam como um instrumento que possibilita a aproximação entre mensageiros e mensagens. Se no início estava restrito a apresentação de conteúdos que diziam respeito a natureza íntima da pessoa que estava publicando, com o passar do tempo expandiu as suas possibilidades com um armazenador e disseminador de informações.

Embora seja comumente entendido como um ambiente de publicação de mensagens em diferentes linguagens, o blog deve ser considerado como um espaço de interação e compartilhamento de ideias promovidas por meio do diálogo e do debate, sem a necessidade de que as pessoas se localizem no mesmo lugar. Desse modo, o blog pode ser um recurso muito útil no ambiente escolar (BOEIRA, 2008).

Araújo (2009) acredita que a inserção do blog no ambiente escolar pode proporcionar benefícios ao processo de ensino e aprendizagem, já que é uma plataforma que atrai os jovens, além de ser de fácil manuseio. Desse modo, a autora sugere a apropriação dessa ferramenta por alunos e professores, a fim de se ampliar as possibilidades do ambiente de aprendizagem.

O uso do blog como um recurso pedagógico pode ir desde um espaço para a realização de debates até a divulgação de projetos escolares. Como uma ferramenta na educação o blog pode estar voltado para a produção de diferentes gêneros textuais, para a análise de obras literárias, conhecer novas práticas esportivas, publicação de fotos, dentre outros.

Carvalho et al. (2006) destaca que o blog, tendo em vista as suas diversas possibilidades de utilização, pode ser muito útil como uma ferramenta pedagógica. Ele promove situações de reflexão, indica locais para adquirir mais conhecimento, subsidia discussões e propicia o surgimento de redes de relacionamento e de aprendizagens. Contudo, a atuação do professor é fundamental para que ele seja bem aproveitado.

Para Boeira (2008), caso consideremos o blog como uma ferramenta para potencializar a aprendizagem, o seu uso deve ser feito de forma ativa pelos alunos, ou seja, a participação no processo de construção do conhecimento deve ser compartilhada entre professores e alunos.

Nesse sentido, o envolvimento dos alunos não deve se restringir a busca de conteúdos, de links ou de tecer comentários. Os professores deverão elaborar estratégias para que os alunos participem como coautores do blog. Dessa forma, por meio do trabalho coletivo e colaborativo, em que se valoriza a interação e o diálogo, possibilitar-se-á o desenvolvimento dos alunos (BOEIRA, 2008).

Moran (2013b) acredita que, apesar de os blogs serem mais utilizados pelos alunos, que o fazem com o intuito de divulgação pessoal e de mostrarem a sua identidade, a sua apropriação pode ser muito útil aos professores. Ele possibilita atualizações constantes de informação e a construção de projetos e de pesquisas de forma individual ou em grupo, além de divulgá-los. Podem ser utilizados também como uma ferramenta para acompanhar o progresso do aluno, seja nas ideias e/ou na escrita.

Para Araújo (2009), fazer uso do blog no ambiente escolar "... pode condicionar situações favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem e, estimular a formação de competências exigidas pelo contexto social contemporâneo, decorrente do avanço científico e

tecnológico." Nesse sentido, é fundamental que os sujeitos envolvidos com essas tarefas, os professores, possuam a formação necessária para que isso se torne possível.

Miranda (2010) aponta como vantagens de se utilizar o blog no espaço escolar a facilidade em manejar essa ferramenta, a interatividade e troca de informações, alocar vários tipos de mídias (texto, imagem e vídeo) e tudo isso de modo gratuito.

Já de acordo com Araújo (2009), o blog pode oferecer quatro potencialidades educativas ao ser inserido no espaço educacional. A primeira é o diálogo, que é uma ferramenta fundamental para a construção do conhecimento no ambiente escolar, visto que possibilita que pessoas com crenças, ideias e valores diferentes consigam se relacionar e produzir conhecimento a partir de reflexões baseadas nos mais diversos pontos de vista.

A segunda é o sentimento de pertencimento. Por meio desse sentimento, os indivíduos se sentem parte de um grupo voltado para determinado fim. Desse modo, conseguem construir afinidades e sentimentos de empatia, que por sua vez, viabilizam a realização de trabalhos individuais e coletivos na escola. A terceira é a colaboração. Dando sequência a potencialidade anterior, promove o estreitamento dos laços entre os sujeitos e facilita o desenvolvimento de ações de caráter coletivo. A quarta é a interação. Relacionando-se com todas as anteriores, essa última potencialidade estimula a participação de todos os envolvidos nas ações a serem realizadas (ARAÚJO, 2009).

Com o objetivo de mapear as maneiras que o blog pode ser utilizado na escola, Boeira (2008) destaca algumas possibilidades: fonte de pesquisa; publicação de informações e links por parte dos professores; trabalho colaborativo entre alunos e professores; projeto dos alunos; instrumento para a divulgação das atividades realizadas; portfólios.

Indo ao encontro dos entendimentos apresentados até aqui, acreditamos na relevância do blog para potencializar o processo de ensino e aprendizagem. No caso deste trabalho, exploraremos a sua funcionalidade como uma fonte de informações confiáveis, em que as pessoas e, em especial os professores, podem encontrar planos de aula, vídeos, artigos, livros e exemplos de metodologias, de uma forma rápida e prática, para o desenvolvimento do tema corporalidades indígenas no ambiente escolar.

Como este blog é voltado, preferencialmente, para os cursos de ensino médio integrado ao ensino técnico de instituições EPT e o seu conteúdo possui uma maior aproximação com a área de educação física, a fim de verificar a sua viabilidade, foi realizada uma pesquisa com dezesseis professores de educação física do Instituto Federal de Rondônia.

O questionário aplicado continha questões que versavam sobre o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no trabalho pedagógico (quadros 1 e 2), a presença das corporalidades indígenas no ambiente escolar (quadros 3, 4 e 5), a funcionalidade do blog (quadros 6, 7, 8 e 9) e as contribuições do blog sobre as corporalidades indígenas para o trabalho pedagógico (quadros 10 e 11).

Na análise dos dados, apresentados a seguir, as respostas estão agrupadas de acordo com a sua proximidade em relação ao conteúdo. Dessa forma, na apresentação dos dados, a sua organização se dá por meio de quadros que contém o tema da pergunta, o conjunto de respostas por aproximação, o Valor absoluto (V.a.) e a porcentagem (%) de cada um dos conjuntos. Juntamente com a apresentação dos resultados procede-se sua análise tendo como referência trabalhos encontrados na literatura.

1.6 Avaliação do blog pelos professores de educação física do IFRO

1.6.1 Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no trabalho pedagógico

Nesse primeiro tópico, a análise diz respeito a utilização das TICs no trabalho pedagógico. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar se os professores utilizam as TICs no trabalho pedagógico e quais seriam elas (quadro 1) e se as TICs podem contribuir no desenvolvimento do trabalho pedagógico (quadro 2).

Quadro 1 – Utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) no trabalho pedagógico

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Website	6	37,5
	Aplicativo	5	31,3
	Fóruns de discussão	3	18,8
	Blog	1	6,2
	Um misto de várias TICs. Ex: websites, fóruns, vídeos e podcasts.	1	6,2

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 2 – Contribuições das TICs como uma ferramenta de apoio ao trabalho pedagógico

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Pois amplia as possibilidades de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem	8	50
	Porque possibilita a integração com a sociedade tecnológica	4	25
	Em razão de permitir uma maior proximidade com os alunos	3	18,8
	Por viabilizar o nosso aperfeiçoamento profissional	1	6,2

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

As respostas do primeiro quadro nos indicam que todos os docentes fazem uso das TICs e que a utilização desses recursos ocorre de forma diversa. Esses resultados também foram encontrados em outros estudos realizados com professores de Institutos Federais (IFs), como mostram Alves (2019), Martins e Santos (2017) e Santos (2016).

Em relação as contribuições que as TICs oferecem como suporte a organização do trabalho pedagógico, podemos observar que, apesar de serem heterogêneas, reforçam a importância desses recursos no espaço escolar. A respeito do teor das respostas, podemos observar resultados similares em outros trabalhos sobre a ampliação das possibilidades do processo de ensino e aprendizagem (COSTA; SOUZA, 2017), a integração com a sociedade tecnológica (SANTOS, 2016), o aumento da proximidade com o aluno (FERREIRA, 2014) e o aperfeiçoamento profissional (MARTINS; SANTOS, 2017).

1.6.2 A presença das corporalidades indígenas no ambiente escolar

Nesse segundo tópico, a análise diz respeito a presença das corporalidades indígenas no ambiente escolar. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar se os professores consideram válida a presença das corporalidades indígenas no ambiente escolar (quadro 3), se consideram válida na disciplina de educação física (quadro 4) e se desenvolvem trabalhos com este tema (quadro 5).

Quadro 3 – A presença das corporalidades indígenas no ambiente escolar

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Porque devemos abordar a diversidade cultural presente em nosso país	6	37,5
	A fim de diminuir condutas preconceituosas e excludentes	4	25
	Pela riqueza presente nas culturas indígenas	3	18,8
	Pelo fato de serem conhecimentos relacionados ao corpo	2	12,5
	Pois está relacionado com o contexto no qual os alunos estão inseridos	1	6,2

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 4 – A presença das corporalidades indígenas nas aulas de educação física

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Por serem conhecimentos relacionados a cultura corporal	8	50
	Pela riqueza presente nas culturas indígenas	4	25
	Porque podem contribuir de forma significativa na formação do aluno	3	18,8
	Pois está relacionado com o contexto no qual os alunos estão inseridos	1	6,2

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 5 – O desenvolvimento de ações com as corporalidades indígenas

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Com o desenvolvimento de pesquisas e seminários a respeito das culturas indígenas	4	25
	Por meio de jogos tradicionais	2	12,5
	Por meio de atividades esportivas	2	12,5
	Por meio de projetos interdisciplinares	2	12,5
	A partir de reflexões sobre a sua corporalidade	2	12,5
	Por meio da dança	1	6,2
Não	Pois só desenvolvo o que está na ementa	3	18,8

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Ao analisarmos as respostas a respeito da presença dos conhecimentos relacionados as corporalidades indígenas no espaço escolar e, em especial, na educação física, percebemos que, embora possuam diferentes motivos, todos os professores defendem que eles estejam presentes. Isto nos demonstra a riqueza desses saberes e a necessidade de se estar em um ambiente que deve valorizar a diversidade e a atuar na erradicação de comportamentos discriminatórios como a escola. A realização de diversos estudos que buscam a inserção dos conhecimentos indígenas no ambiente escolar também corroboram esse entendimento (CORRÊA, 2009; DOMINGOS JUNIOR *et al.*; KEMPE, 2015; TENÓRIO; LOPES DA SILVA, 2014a; TENÓRIO; LOPES DA SILVA, 2014b).

No que concerne as ações desenvolvidas, que a maior parte dos professores mencionou estar envolvido, também verificamos similaridades com outros trabalhos em relação aos jogos tradicionais (CORRÊA, 2009; DOMINGOS JUNIOR *et al.*; KEMPE, 2015; TENÓRIO; LOPES DA SILVA, 2014b), as atividades esportivas (DOMINGOS JUNIOR *et al.*; KEMPE, 2015) e as danças (KEMPE, 2015).

1.6.3 Funcionalidade do blog

Nesse terceiro tópico, a análise diz respeito a funcionalidade do blog. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar se a acessibilidade do blog é boa (quadro 6), se a sua estrutura (tópicos, textos, vídeos, etc.) é clara e de fácil manuseio (quadro 7), se o material que lá se encontra é relevante cientificamente (quadro 8) e se ele contribui para a aquisição de conhecimento a respeito das corporalidades indígenas.

Quadro 6 – Acessibilidade do blog

Conjunto de respostas	V.a.	%
-----------------------	------	---

Boa	12	75
Parcialmente boa	4	25
Ruim	0	0

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 7 – Clareza e facilidade de manuseio da estrutura (tópicos, textos, vídeos, etc.) do blog

Conjunto de respostas	V.a.	%
Boa	12	75
Parcialmente boa	1	6,2
Ruim	3	18,8

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 8 – Relevância científica do material (textual e audiovisual) do blog

Conjunto de respostas	V.a.	%
Boa	15	93,8
Parcialmente boa	1	6,2
Ruim	0	0

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 9 – Contribuição do blog para o conhecimento acerca das corporalidades indígenas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Boa	16	100
Parcialmente boa	0	0
Ruim	0	0

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Pelo que podemos observar nas respostas presentes nos quadros, a funcionalidade do blog, de um modo geral, é considerada boa. O ponto que parece apresentar maior fragilidade é a sua estrutura e que, por conta disso, passou por modificações após a análise dos questionários.

Dentre os tópicos averiguados, os que possuem maior porcentagem de aprovação dizem respeito a relevância científica do material e a sua contribuição para o conhecimento sobre as corporalidades indígenas. Isso ratifica o valor deste blog como uma plataforma repleta de conteúdos significativos e úteis para o entendimento das corporalidades indígenas e de ações pedagógicas sistematizadas acerca do tema. Também reforça o entendimento de Nassi-Calò (2018), para quem os blogs ainda podem ser considerados mecanismo importantes para difusão de informações científicas, e vai ao encontro de outros estudos que ressaltam os blogs como fontes de conhecimento relevante (BARBOSA; SERRANO, 2015; CARVALHO *et al.*; DINIZ, 2014; SILVA, 2012).

1.6.4 As contribuições do blog sobre as corporalidades indígenas para o trabalho pedagógico

No quarto e último tópico, a análise diz respeito as contribuições do blog sobre as corporalidades indígenas para o trabalho pedagógico. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar se este blog pode subsidiar o trabalho docente com este tema (quadro 10) e se os participantes da pesquisa utilizariam o blog como ferramenta de apoio para o seu trabalho pedagógico (quadro 11).

Quadro 10 – A utilização do blog como subsídio para o trabalho com as corporalidades indígenas

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Pois a sua estrutura facilita o planejamento e desenvolvimento de ações pedagógicas	8	50
	Em razão de serem escassos os materiais a respeito da temática	4	25
	Por oferecer materiais relevantes cientificamente para o trabalho com o tema	4	25

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 11 – A utilização do blog como uma ferramenta de apoio para as minhas aulas

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Porque facilita a organização do trabalho pedagógico	8	50
	Em razão de ser uma plataforma bem estruturada que nos traz novas possibilidades de atuação	6	37,5
	Por ser uma fonte de informação confiável	1	6,25
Não	Pois não costumo utilizar esse tipo de ferramenta	1	6,25

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Todos os professores acreditam que o blog pode contribuir para o desenvolvimento de ações com as corporalidades indígenas no espaço escolar e apenas um não utilizaria como um recurso de apoio para as suas aulas, mas por questões pessoais. Os motivos relacionados ao fato de ser uma fonte confiável de informações e de ser uma plataforma que disponibiliza recursos que facilitam a organização do trabalho pedagógico, também podem ser encontrados em outros trabalhos que utilizam o blog como uma ferramenta de apoio para temas não tão presentes na escola, como as danças folclóricas (DINIZ, 2014) e a capoeira (SILVA, 2012).

Vale ressaltar, que a menção a importância do blog em razão da escassez dos materiais acerca da temática remete a uma das características fundamentais desta plataforma, que é oferecer subsídios sistematizados para o trato com conhecimentos que carecem de fontes fidedignas. Ferreira e Pimentel (2013) destacam essa situação ao abordarem as

dificuldades em desenvolver a sua prática educativa com os jogos e brincadeiras da etnia Guarani. Assim, este blog, ao conjugar uma plataforma bem estruturada com informações científicas sistematizadas pedagogicamente, constitui-se em um espaço que pode colaborar para a inserção dos conhecimentos vinculados aos povos indígenas na escola.

b. Objetivos;

- Promover a difusão dos conhecimentos relacionados às corporalidades indígenas.
- Viabilizar o acesso a conhecimentos sistematizados relacionados às corporalidades indígenas.
- Instrumentalizar o trabalho pedagógico no que concerne às corporalidades indígenas.

c. Procedimentos Metodológicos

Após o período de sistematização do material científico e pedagógico a respeito das corporalidades indígenas, que ocorreu durante outro momento da pesquisa, a intervenção com os alunos, deu-se início a elaboração do blog. Para tanto, houve a colaboração de um dos alunos participantes da pesquisa, que detinha conhecimento sobre a construção e o funcionamento desse tipo de plataforma digital. Para o seu desenvolvimento, foi necessário um período de dois meses. O endereço para acessá-lo é www.corporalidadesindigenasnaept.com. A sua organização está disposta em cinco seções, as quais serão explicadas a seguir. Vale destacar, que em todas as seções há a possibilidade de inserir comentários, fomentando a interação com quem estiver acessando o material.

A primeira seção, que é a página inicial quando se acessa a plataforma, contém a sua apresentação. Nela, encontra-se descrita a finalidade do blog, o que são as corporalidades indígenas, os motivos da relevância desse tema e um resumo do que há em cada uma das outras seções. Na imagem abaixo, é possível observar a forma como essa página se encontra

Figura 1 – Página “Início”



Corporalidades Indígenas na EPT

Início Planos Metodologias Artigos Para saber mais

Início

APRESENTAÇÃO

Este blog tem por finalidade oferecer subsídios para o trato com as corporalidades indígenas no ambiente escolar, sobretudo na disciplina de educação física e na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Esse tema, as corporalidades indígenas, é aqui entendido como os conhecimentos e as formas de intervir no, sobre e pelo corpo praticadas pelas etnias ameríndias. O seu entendimento nos possibilita compreender não somente a concepção de corpo dos povos ameríndios, mas também os seus rituais, costumes e organização social. Dessa forma, além de oferecer saberes relevantes a respeito das culturas indígenas, essa página também se constitui em um espaço de reflexões, na qual podemos analisar o modo como os povos tradicionais percebem e fazem uso do seu corpo, relacionar com a forma como nós, sociedade ocidental o fazemos, e, a partir disso, construir novos conhecimentos.

É importante destacar que o material sistematizado presente no blog, representa uma parcela dos conhecimentos relacionados ao tema. Portanto, não há a pretensão de funcionar como uma fonte única e suficiente de informações, mas trazer alguns recursos de natureza teórica e prática, para que as possibilidades de desenvolvimento desse tema no processo de ensino e aprendizagem sejam mais concretas.

A fim de facilitar o acesso ao material, a página está organizada em temas, os quais serão apresentados a seguir:

Planos: Esta seção apresenta um conjunto de planos e slides para serem desenvolvidas aulas com o tema. São dezessete planos de aula e sete slides. Os conteúdos dizem respeito ao entendimento sobre o corpo dos povos ameríndios e da sociedade ocidental; os jogos, lutas, esportes e danças ameríndias; características atuais dos povos indígenas e os Jogos dos povos indígenas (evento esportivo disputado entre as etnias). Embora sejam planos e slides que foram experimentados em aulas, cabe ressaltar que podem ser modificados de acordo com as necessidades de quem estiver usando.

Metodologias: Esta seção apresenta alguns métodos utilizados durante o desenvolvimento das aulas sugeridas no blog e que ajudaram a potencializar o resultado.

Artigos: Nesta seção pode ser encontrados artigos referentes aos estudos sobre o corpo, às corporalidades indígenas e a educação intercultural, que ajudarão no desenvolvimento das aulas.

Para saber mais: Esta seção tem por objetivo indicar materiais que possibilitem aumentar o conhecimento e a compreensão a respeito das culturas indígenas. Para tanto, são disponibilizados links de trabalhos em formato textual e em vídeo.

Esperamos que o material aqui disponibilizado possa colaborar na propagação dos conhecimentos referentes as culturas indígenas, em especial às suas corporalidades, e na sua inserção no ambiente escolar, sobretudo na EPT.

Nenhum comentário:

Fonte: https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/inicio_9.html

A segunda seção diz respeito aos planos de aula, os slides e os vídeos das atividades que servem como possibilidades para a construção e desenvolvimento de uma proposta com esse tema no espaço educacional. Ao clicar sobre algum deles, é aberta uma nova aba que direciona para o local desejado. O conteúdo dos planos de aula está hospedado no próprio blog, enquanto que os outros materiais estão em outros espaços, nos sites MEGA e Google Drive, pois a plataforma não suporta o formato em que os arquivos estão configurados. Na primeira imagem abaixo, é possível observar a organização dessa seção, sendo que estão dispostas as aulas pelo seu título (de um a dezessete) e os tópicos “todas as aulas e slides”, “todos os vídeos das atividades (agrupados por tema e com música)” e “todos os vídeos das atividades (individualizadas)”, já nas imagens posteriores, verificamos as páginas de cada um destes tópicos mencionados.

Figura 2 – Página “Planos”



Corporalidades Indígenas na EPT

Início Planos Metodologias Artigos Para saber mais

Planos

- Aula 1: O corpo e seu entendimento na sociedade ocidental moderna
- Aula 2: O corpo, o seu entendimento nas sociedades tradicionais e os povos Ameríndios
- Aula 3: Práticas corporais indígenas – jogos tradicionais
- Aula 4: Práticas corporais indígenas – jogos tradicionais 2
- Aula 5: Práticas corporais indígenas – jogos tradicionais 3
- Aula 6: Práticas corporais indígenas – jogos tradicionais 4
- Aula 7: O indígena no Brasil atual
- Aula 8: O indígena no Brasil atual 2
- Aula 9: Práticas corporais indígenas – Lutas
- Aula 10: Práticas corporais indígenas – Lutas 2
- Aula 11: O Jogos dos povos indígenas
- Aula 12: Os Jogos dos povos indígenas 2
- Aula 13: Práticas corporais indígenas – Jogos dos povos indígenas 3 – modalidades de Demonstração
- Aula 14: Práticas corporais indígenas – Jogos dos povos indígenas 4 – modalidades de Integração
- Aulas 15 e 16: Práticas corporais indígenas - dança
- Aula 17: Práticas corporais indígenas – Jogos de tabuleiro

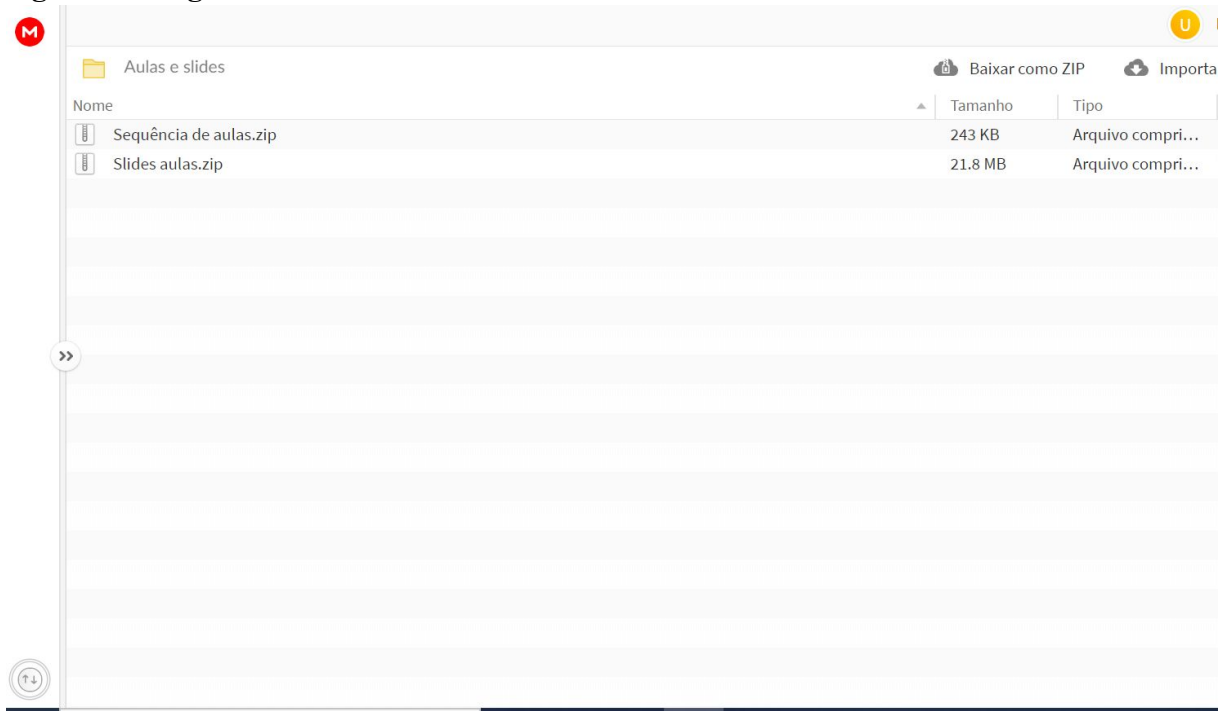
Todas as aulas e slides

Todos os vídeos das atividades (agrupados por tema e com música)

Todos os vídeos das atividades (individualizadas)

Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/in.html>

Figura 3 – Página “Aulas e slides”



Fonte: <https://mega.nz/folder/3SJVkc7K#SR789VDNzYZ0Q0e-HoRhFQ>

Figura 4 – Página “Atividades agrupadas por tema”



Fonte: <https://mega.nz/file/mLojBZLR#qlQcSAK5zTsOZP228fgGRWVqhhpjD1tW4qnTy9KvBPw>

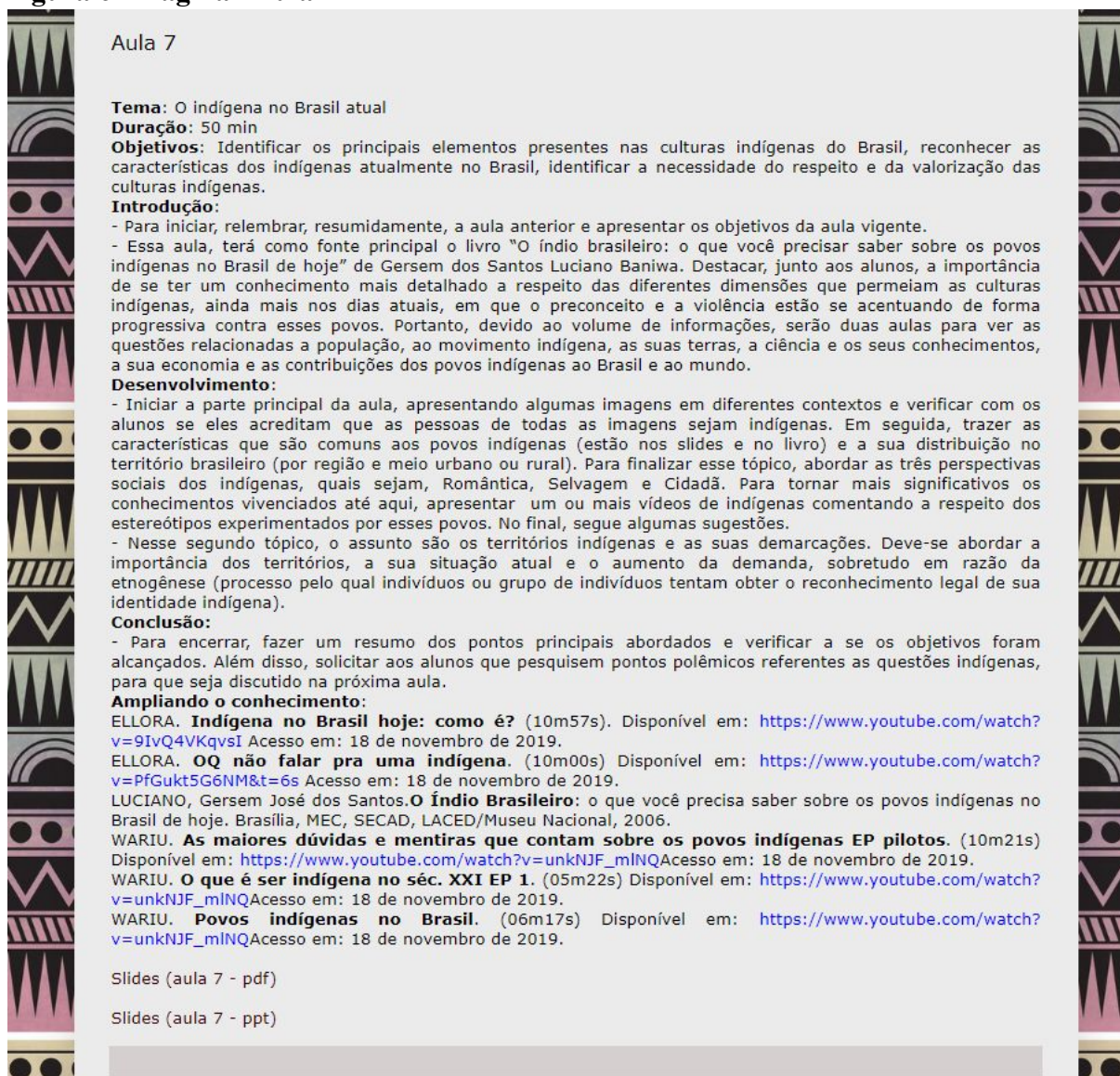
Figura 5 – Página “Atividades individualizadas”



Fonte: https://mega.nz/file/fXpDHzxK#7a3zMKNNRR9evgB-UAdO7BtgQhD99794CW_bnUrTTxCs

Nas aulas de número um, dois, sete, oito, onze, doze, quinze e dezesseis, além da configuração padrão do plano com tema, duração, objetivos, introdução, desenvolvimento, conclusão e ampliando o conhecimento, também se encontra, ao final, os links para acessar os slides referentes a elas tanto em pdf quanto em ppt (powerpoint). Nas imagens abaixo, pode-se verificar a página de um dos planos de aula desse formato (número sete) e o arquivo do slide em pdf aberto.

Figura 6 – Página “Aula 7”



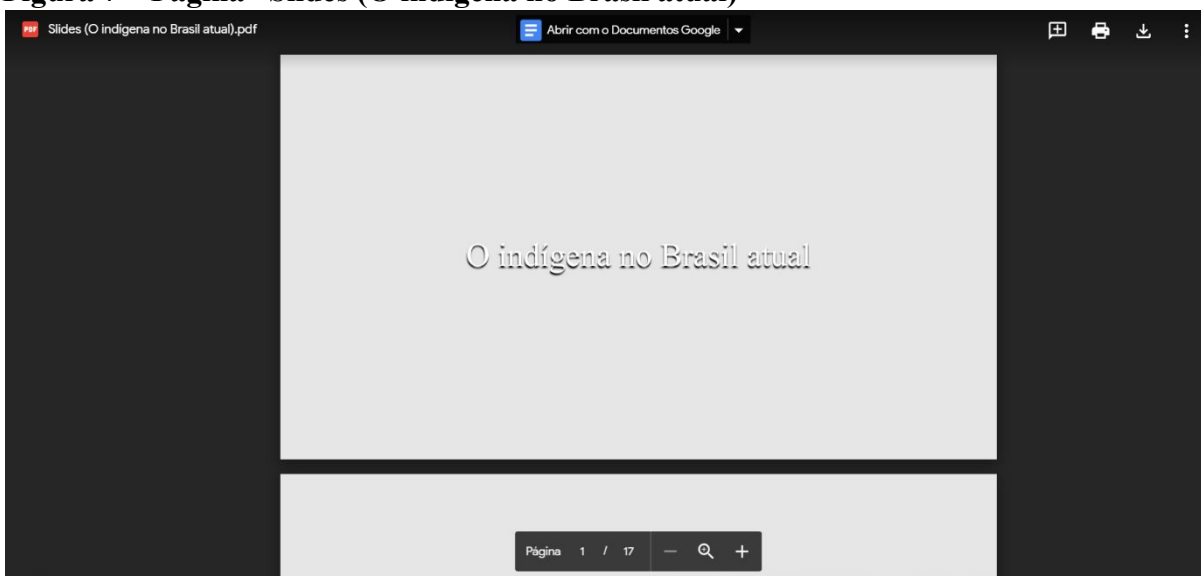
Aula 7

Tema: O indígena no Brasil atual
Duração: 50 min
Objetivos: Identificar os principais elementos presentes nas culturas indígenas do Brasil, reconhecer as características dos indígenas atualmente no Brasil, identificar a necessidade do respeito e da valorização das culturas indígenas.
Introdução:
- Para iniciar, relembrar, resumidamente, a aula anterior e apresentar os objetivos da aula vigente.
- Essa aula, terá como fonte principal o livro "O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje" de Gersem dos Santos Luciano Baniwa. Destacar, junto aos alunos, a importância de se ter um conhecimento mais detalhado a respeito das diferentes dimensões que permeiam as culturas indígenas, ainda mais nos dias atuais, em que o preconceito e a violência estão se acentuando de forma progressiva contra esses povos. Portanto, devido ao volume de informações, serão duas aulas para ver as questões relacionadas a população, ao movimento indígena, as suas terras, a ciência e os seus conhecimentos, a sua economia e as contribuições dos povos indígenas ao Brasil e ao mundo.
Desenvolvimento:
- Iniciar a parte principal da aula, apresentando algumas imagens em diferentes contextos e verificar com os alunos se eles acreditam que as pessoas de todas as imagens sejam indígenas. Em seguida, trazer as características que são comuns aos povos indígenas (estão nos slides e no livro) e a sua distribuição no território brasileiro (por região e meio urbano ou rural). Para finalizar esse tópico, abordar as três perspectivas sociais dos indígenas, quais sejam, Romântica, Selvagem e Cidadã. Para tornar mais significativos os conhecimentos vivenciados até aqui, apresentar um ou mais vídeos de indígenas comentando a respeito dos estereótipos experimentados por esses povos. No final, segue algumas sugestões.
- Nesse segundo tópico, o assunto são os territórios indígenas e as suas demarcações. Deve-se abordar a importância dos territórios, a sua situação atual e o aumento da demanda, sobretudo em razão da etnogênese (processo pelo qual indivíduos ou grupo de indivíduos tentam obter o reconhecimento legal de sua identidade indígena).
Conclusão:
- Para encerrar, fazer um resumo dos pontos principais abordados e verificar a se os objetivos foram alcançados. Além disso, solicitar aos alunos que pesquisem pontos polêmicos referentes as questões indígenas, para que seja discutido na próxima aula.
Ampliando o conhecimento:
ELLORA. **Indígena no Brasil hoje: como é?** (10m57s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9IvQ4VKqysI> Acesso em: 18 de novembro de 2019.
ELLORA. **OQ não falar pra uma indígena.** (10m00s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PfGukt5G6NM&t=6s> Acesso em: 18 de novembro de 2019.
LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O Índio Brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, MEC, SECAD, LACED/Museu Nacional, 2006.
WARIU. **As maiores dúvidas e mentiras que contam sobre os povos indígenas EP pilotos.** (10m21s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=unkNJF_mlnQ Acesso em: 18 de novembro de 2019.
WARIU. **O que é ser indígena no séc. XXI EP 1.** (05m22s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=unkNJF_mlnQ Acesso em: 18 de novembro de 2019.
WARIU. **Povos indígenas no Brasil.** (06m17s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=unkNJF_mlnQ Acesso em: 18 de novembro de 2019.

Slides (aula 7 - pdf)
Slides (aula 7 - ppt)

Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/aula-7.html>

Figura 7 – Página “Slides (O indígena no Brasil atual)”



Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1dSlasHJngYUaZyeYkDiNP3PV5wvtVUZ1/view>

Já nas aulas de número três, quatro, cinco, seis, nove, dez, treze e quatorze, além da configuração padrão do plano com tema, duração, objetivos, introdução, desenvolvimento, conclusão e ampliando o conhecimento, logo após as descrições das atividades práticas, no item desenvolvimento, há vídeos que ilustram como as atividades podem ser realizadas. Na imagem abaixo, pode-se observar a página de um dos planos de aula desse formato (número nove).

Figura 8 – Página “Aula 9”

Aula 9

Tema: Práticas corporais indígenas – Lutas

Duração: 50 min

Objetivos: Identificar a importância da Luta na formação do indivíduo nas sociedades ameríndias, conhecer as principais características dos Kamaiurá, vivenciar lutas adaptadas da etnia.

Introdução:

- Para iniciar, relembrar, resumidamente, a aula anterior e apresentar os objetivos da aula vigente.
- Em seguida, conversar com os estudantes a respeito das lutas. Mencionar a sua importância em nossa sociedade, uma breve contextualização e histórico, e como ela é um recurso formativo essencial dentro de algumas etnias ameríndias, visto que, em algumas, como aquelas que praticam o "Huka-Huka", o processo de preparação do lutador ocorre desde a infância.
- Na sequência, como a luta a ser desenvolvida nessa aula é dos Kamaiurá, apresentar informações, de forma sucinta, a respeito dessa etnia: localização, organização social, rituais (nesse tópico deverá ser um pouco mais detalhado uma vez que a luta faz parte do ritual Quarup) e a importância das práticas corporais em sua cultura. Para subsidiar esse tópico, há algumas sugestões de leitura ao final do plano.

Desenvolvimento:

- A luta que a ser vivenciada será o "Huka-Huka". O seu formato será adaptado em relação aquele realizado pela etnia. Para tanto, deve-se providenciar uma superfície macia (tatames ou colchonetes), para minimizar os riscos aos alunos. O combate será disputado 1x1. Os alunos deverão se posicionar de joelho e terão por objetivo projetar o colega com as costas na superfície ou encostar na parte posterior de suas pernas. Feito isso, encerra-se a disputa.



Conclusão:

- Para encerrar, relembrar os conceitos trabalhados juntos aos alunos e reforçar a importância do "Huka-Huka" no Quarup e dentro da cultura da etnia. Para subsidiar esse tópico, há algumas sugestões de leitura ao final do plano.

Ampliando o conhecimento:

COELHO, Luciano Silveira. **Lutas Indígenas.** Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22413> Acesso em: 16 de novembro de 2019.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses. **Jogos e brincadeiras do povo Kalapalo.** São Paulo: SESC, 2006.

IRIAS, Everton Arruda. **Huka-Huka e Derruba o Toco:** Lutas Indígenas nas aulas de Educação Física. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/semef2018/Relatos/everton_irias.pdf Acesso em: 16 de novembro de 2019.

PGMBOXCULTURAL. **Xingu – Huka Huka.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a9P82STWwDI> Acesso em: 16 de novembro de 2019.

PIB SOCIOAMBIENTAL. **Kamaiurá.** Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kamaiur%C3%A1> Acesso em: 30 de outubro de 2019.

TERRA da Luta. Direção de Tadeu Jungle. Rio de Janeiro: Academia de Filmes, 2017. 60 min.

Fonte: https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/blog-page_9.html

A aula de número dezessete possui apenas a configuração padrão do plano com tema, duração, objetivos, introdução, desenvolvimento, conclusão e ampliando o conhecimento. Na imagem, pode ser observada a sua apresentação.

Figura 9 – Página “Aula 17”

Corporalidades Indígenas na EPT

Início Planos Metodologias Artigos Para saber mais

Aula 17

Tema: Práticas corporais indígenas – Jogos de tabuleiro
Duração: 50 min
Objetivos: Construir o jogo de tabuleiro 'Onça', vivenciar a prática do jogo e avaliar a importância do estudo das corporalidades indígenas.

Introdução:

- Para iniciar, relembrar, resumidamente, a aula anterior e apresentar os objetivos da aula vigente.
- Na sequência, realizar a confecção do tabuleiro. Para tanto, será necessário os seguintes materiais: cartolina (ou outro tipo de folha de papel que irá variar de acordo com o tamanho de tabuleiro desejado), pincel, régua e tesoura (nas referências tem alguns vídeos explicando como fazer). Com o tabuleiro pronto, deverão ser providenciadas as peças, que poderão ser aquelas tradicionais, como os do jogo da dama ou adaptadas com tampinhas de garrafa, feijões, etc. O importante é que se tenha quatorze peças de um tipo e uma peça de outro.

Desenvolvimento:

- Após o material estar todo organizado, os alunos deverão se reunir em duplas (ou grupos, dependendo da quantidade de tabuleiros e peças) para realizar o jogo, que funcionará da seguinte forma: Um dos participantes será a "onça" (1 peça) e o outro o "cachorro" (14 peças). As peças ocupam as três fileiras mais afastadas da parte menor do tabuleiro, sendo que a "onça" deverá estar na posição central. O primeiro movimento é do cachorro. O objetivo do cachorro é deixar a onça sem saída e o da onça é capturar seis "cachorros". Nas referências, segue alguns vídeos para auxiliar no entendimento e desenvolvimento do jogo.

Conclusão:

- Para encerrar, como última aula dessa sequência proposta para se trabalhar as corporalidades indígenas e as suas práticas corporais sistematizadas, realizar uma auto avaliação com os alunos, verificando a percepção que possuem em relação ao desenvolvimento das aulas, a importância do estudo desses conhecimentos e de que maneira contribuiu para a sua formação.

Ampliando o conhecimento:

FAVELA NEWS. **Museu do Brinquedo Popular:** O jogo da Onça. (02m14s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wYbQg5q39zc&t=13s> Acesso em: 22 de novembro de 2019.

MEL E AS CRIANÇAS. **Jogo da Onça I Como fazer e Jogar I Regras e Objetivos.** (09m39s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j23j-7V7BWk&t=58s> Acesso em: 22 de novembro de 2019.

DIAS, Fábio. **Jogo da Onça – Tabuleiro do Suetônio.** (04m41s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQWcFAGJt-M&t=218s> Acesso em: 22 de novembro de 2019.

Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/aula-17.html>

A terceira seção se refere as metodologias utilizadas durante a intervenção com os alunos a respeito das corporalidades indígenas e que contribuíram para o desenvolvimento da proposta. Há a descrição das metodologias, bem como imagens acompanhando duas delas

para exemplificar o seu uso, e a indicação de leituras para subsidiar o trabalho com a outra delas. Nas imagens abaixo, pode-se observar a apresentação da página, em que se encontram cada uma das metodologias.

Figura 10 – Página “Metodologias”

Corporalidades Indígenas na EPT

Início Planos **Metodologias** Artigos Para saber mais

Metodologias

ONE MINUTE PAPER

O one minute paper (artigo em um minuto) é uma ferramenta que tem por objetivo estimular os alunos a escreverem em um pedaço ou folha de papel as suas ideias sobre o tema proposto no período de 1 minuto. O seu uso permite aos alunos organizarem o seu conhecimento sobre determinado assunto, o que tornará mais propício a participação deles quando solicitados. Além disso, oportuniza ao professor localizar em ponto os alunos se encontram a respeito do tema. A seguir, um exemplo de one minute paper feito por um aluno durante a realização da aula 1, presente na página planos desse blog.

Corpo é um organismo formado por um conjunto de células e tecidos.

Especialmente trata-se de um grupo de células que se organizam para formar um tecido, como o tecido conjuntivo, etc.

PADLET

Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/metodologia.html>

Figura 11 – Página “Metodologias”

PADLET

O Padlet é uma ferramenta para a produção do conhecimento ocorra de forma colaborativa. Constitui-se em uma espécie de mural virtual, no qual os seus usuários fazem postagens, que podem ser curtidas, respondidas, conectadas a outras postagens e, dependendo do nível de acesso, até editadas. Todo esse dinamismo possibilita bastante interatividade entre os usuários. Um dos pontos a serem destacadas dessa ferramenta, é a sua gratuidade.

Por ser um recurso que estimula a participação coletiva por meio do diálogo e de comportamentos solidários, o Padlet pode proporcionar contribuições valiosas no processo de ensino e aprendizagem. Ao romper com os limites do espaço físico, ele traz inúmeras possibilidades de ação para que professores e alunos potencializem o processo de construção do conhecimento.

Assim, o Padlet foi utilizado nesse trabalho com o objetivo de promover uma participação mais ativa dos alunos na aquisição do conhecimento. Em razão de ser a primeira experiência com essa ferramenta por parte dos alunos e do professor, houveram algumas limitações nos resultados alcançados. Em todo o caso, o Padlet demonstrou ser um recurso muito útil, que propiciou o aumento da participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. A seguir, encontram-se algumas fotos do Padlet utilizado na experiência e, caso queiram acessá-lo, clique aqui.



The figure displays three sequential screenshots of a Padlet board. Each screenshot shows a virtual wall filled with colorful sticky notes and images. The notes contain text, likely student contributions or questions. The images show students in a classroom setting, some holding up their notes or pointing at the board. The interface includes a search bar at the top and navigation icons at the bottom.

PROJETO INTEGRADOR

Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/metodologia.html>

Figura 12 – Página “Metodologias”

PROJETO INTEGRADOR

O projeto integrador é uma proposta que aproxima diferentes áreas do conhecimento tendo como referência um tema comum, sendo que a sua concepção, planejamento, execução e avaliação ocorre por meio do trabalho coletivo entre as disciplinas participantes.

Silva (2014) aponta seis contribuições que o projeto integrador proporciona a efetivação do currículo integrado: 1) direcionamento para a realização do trabalho coletivo entre os docentes e a articulação entre as áreas do conhecimento. 2) Incentiva os estudantes a se dedicarem tanto a temas da formação básica quanto da formação técnica. 3) mobiliza esforços para a solução de problemas científicos e sociais. 4) Promove o envolvimento com a pesquisa e com a importância de se relacionar saberes e informações. 5) Associa a teoria e a prática. 6) Fomenta o progresso individual e coletivo.

As vivências e os desdobramentos do projeto integrador indicam a necessidade de se valorizar o papel dos sujeitos participantes da proposta e da bagagem de conhecimentos que possuem. Desse modo, possibilita-se aos estudantes um maior protagonismo no seu processo de aprendizagem e a construção de um conhecimento com maior significância, visto que tem como ponto de partida as suas próprias experiências.

O êxito de um projeto integrador está condicionado a vários aspectos, tais como, um novo arranjo curricular e dos conteúdos, tempo para o planejamento coletivo, predisposição para o trabalho coletivo, condições materiais e estruturais. Na verdade, esses fatores são os principais entraves para o seu desenvolvimento (SILVA, 2014).

De acordo com Henrique e Nascimento (2015) há duas atitudes necessárias para a concretização de um PI. A primeira está relacionada aos professores, em que eles deverão aceitar e se comprometer com a proposta. O estabelecimento do diálogo entre diferentes campos do saber demanda entendimento e respeito para com a diferença e a diversidade, bem como uma predisposição para se relacionar. A segunda se refere às condições concretas de tempo e espaço, nas instituições de ensino, para que se conceba a proposição.

A partir das ideias apresentadas, podemos constatar que o projeto integrador pode contribuir de forma significativa para o aprendizado, inclusive com temas não tão comuns no ambiente escolar, como as corporalidades indígenas. Na pesquisa de mestrado que culminou com a elaboração deste blog, em parte de sua metodologia foi desenvolvido um projeto integrador.

O projeto integrador da pesquisa foi composto por sete disciplinas, quais sejam, educação física, filosofia, história, língua portuguesa, língua espanhola, química (núcleo comum) e redes (núcleo técnico). Como pontos positivos da experiência, podemos citar a viabilidade da aproximação das áreas do conhecimento e a satisfação dos alunos com a percepção do conhecimento de forma integrada e uma menor quantidade de atividades avaliativas. Como pontos negativos, a falta de tempos e espaços adequados para a sistematização da proposta e o não comprometimento de todos os participantes.

A seguir, indico alguns trabalhos caso haja interesse em ter um referencial para o desenvolvimento de um projeto integrador:

EMI no Brasil: Fundamentos, práticas e desafios
O currículo integrado no cotidiano da sala de aula
A experiência do projeto integrador I no curso de PROEJA em eletromecânica do IFSC – Campus Chapecó

REFERÊNCIAS

HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmento; NASCIMENTO, José Mateus do. Sobre práticas integradoras: um estudo de ações pedagógicas na educação básica. *Holos* (Natal. Online), v. 4, p. 63-76, 2015.

SILVA, Adriano Larentes da. *Currículo Integrado*. 1. ed. Florianópolis: Editora do IFSC, 2014. 97p.

Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/metodologia.html>

Na quarta seção, encontram-se materiais científicos que auxiliam no entendimento das corporalidades indígenas, assim como nas reflexões para viabilizar a sua inserção no espaço escolar. Dessa forma, há materiais relacionados aos estudos sobre o corpo, as corporalidades indígenas e a educação intercultural. Na imagem abaixo, é possível verificar a forma como a página se apresenta.

Figura 13 – Página “Artigos”

Corporalidades Indígenas na EPT

Início Planos Metodologias **Artigos** Para saber mais

Artigos

ESTUDOS SOBRE O CORPO

- A sociologia do corpo
- As técnicas do corpo
- Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas
- Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade
- Do corpo e da cultura: indícios da realidade na perspectiva intercultural
- Dossiê: a história do corpo
- Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje

CORPORALIDADES INDÍGENAS

- A construção da pessoa indígena nas sociedades indígenas brasileiras
- A fabricação do corpo na sociedade xinguana
- As práticas corporais e a educação do povo indígena
- Corpo e cultura: a educação do corpo em relação de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade Bororo em Meruri-MT
- Corpo e educação: relações interculturais nas práticas corporais em bororo em Meruri-MT
- Corpo, cultura de movimento e jogos indígenas nas aulas de educação física
- Esporte e cultura: análise acerca da esportivização de práticas corporais nos jogos indígenas
- Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola
- O jogo da identidade boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais
- Jogo entre "parentes", os processos de educação do corpo, esporte e lazer indígena no Brasil: reflexões a partir dos jogos indígenas
- Práticas corporais indígenas inseridas à educação física escolar não indígenas
- Práticas corporais, sentidos e significados: uma análise dos jogos dos povos indígenas
- Brincar, jogar e viver: IX jogos dos povos indígenas
- Jogos mundiais dos povos indígenas
- Celebrando os jogos, a memória e a identidade: XI jogos dos povos indígenas Porto Nacional - Tocantins, 2011

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

- A temática indígena na escola
- Aprender com os povos indígenas
- As contribuições indígenas do bem viver para a educação intercultural e descolonial
- As relações dialógicas e interculturais na escola
- Educação intercultural e diversidade: perspectivas possíveis
- Educação intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro
- Educação para a diversidade e cidadania
- Intercultura e educação
- Intercultura: estudos emergentes

Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/artigos.html>

Na quinta e última seção, há a sugestão de materiais para que o conhecimento sobre os povos indígenas seja ampliado. Nesse sentido, sugere-se livros, sites e vídeos. Na imagem abaixo, pode ser observada a página.

Figura 14 – Página “Para saber mais”



Fonte: <https://www.corporalidadesindigenasnaept.com/p/para-saber-mais.html>

d. *Materiais Utilizados;*

Para elaboração deste blog, foram utilizadas as próprias ferramentas disponibilizadas pela plataforma Blogger. Em relação aos materiais que se encontram no tópico planos, utilizou-se a plataforma MEGA para alocar todos as aulas e slides em único arquivo, assim como todos os vídeos individualizados e os vídeos agrupados por tema e com música. Para os slides das aulas em formato pdf e ppt foi utilizado o Google Drive. Os slides foram produzidos no programa Power Point e contém fotos retiradas dos sites Depositphotos, Funai, Pixbay e de alguns blogs relacionados aos povos indígenas. Os vídeos que ilustram as atividades presentes nos planos, foram gravados por celulares smartphone e estão alocados na plataforma Youtube.

No t3pico metodologias, as fotos fazem parte do acervo pessoal do pesquisador. No t3pico artigos, os textos est3o alocados em diversos sites de peri3dicos cient3ficos. Por fim, no t3pico para saber mais, o material est3 alocado em diversos sites de peri3dicos cient3ficos e na plataforma Youtube.

e. Formas de utiliza3o (detalhar as formas de utiliza3o do produto).

O blog 3 voltado para o trabalho docente. A forma como est3 organizado ocorre para que os recursos sejam utilizados de modo conjugado. Contudo, os recursos a serem utilizados poder3o ser apenas aqueles que despertem o interesse, assim como a sua utiliza3o poder3 ser feita por outros participantes do ambiente escolar, como gestores e alunos, ou por qualquer pessoal em geral, que deseja ter mais conhecimento a respeito das culturas ind3genas. A seguir, apresentaremos um roteiro de utiliza3o dos recursos, a partir de sua disposi3o no blog.

Em rela3o aos planos, recomenda-se que o uso seja na sequ3ncia como est3 disposto, iniciando pela aula n3mero um at3 a de n3mero dezessete. Recomenda-se tamb3m a utiliza3o dos slides que as acompanham, assim como a apresenta3o dos v3deos e dos document3rios para que o entendimento da tem3tica seja mais claro. No entanto, caso a ordem entre as pr3ticas corporais sistematizadas (jogos, esportes, lutas e dan3as) seja modificada, n3o implicar3 em preju3zos ao processo de ensino e aprendizagem. A altern3ncia entre aulas mais conceituais (ex: 1 e 2) e mais procedimentais (ex: 3 e 4) 3 interessante para manter o interesse do aluno em rela3o ao tema, sobretudo se for na disciplina de educa3o f3sica. Por fim, embora haja essas recomenda3es, o uso dessa sequ3ncia de aulas e dos materiais que as acompanham podem ser modificados de acordo com o contexto e a necessidade de quem estiver utilizando.

No que concerne as metodologias, o uso do projeto integrador depender3 da coopera3o de outros colegas docentes. Caso haja pelo menos um, j3 3 poss3vel desenvolv3-lo. A respeito do one minute paper e do Padlet, ambos s3o ferramentas extremamente 3teis para estimular a participa3o dos alunos e, apesar de estarem vinculados a algumas aulas de forma espec3fica, tamb3m podem ser inclu3dos em outros momentos.

Os artigos s3o materiais indispens3veis para que se tenha uma maior seguran3a em desenvolver as aulas presentes no produto. Se poss3vel, ler e estudar todos que est3o dispon3veis. Isso permitir3 que se tenha um maior conhecimento em rela3o a tem3tica, com

melhores condições para conduzir o processo de ensino e aprendizagem, podendo, inclusive, potencializar o seu uso. Caso não seja possível, recomenda-se, pelo menos, os artigos que se encontram nas referências dos planos de aula.

No tópico para saber mais, encontram-se informações para ampliar os conhecimentos a respeito dos povos indígenas. São livros, sites e vídeos que ajudam a compreender a dinâmica cultural desses povos para além das questões corporais. São materiais complementares, que não limitarão a utilização dos recursos anteriores, mas podem ajudar a melhorá-los. Assim, sugere-se, pelo menos, o acesso àqueles que mais despertem o interesse.

2. IMPACTO SOCIAL

O impacto social gerado pelo blog se manifesta pelo encadeamento de vários aspectos. O primeiro deles é a valorização da diversidade cultural. Embora o Brasil seja composto por diversas culturas, que possuem as suas próprias particularidades, as quais lhes asseguram um valor inquestionável, há a predominância das culturas ocidentais e brancas em detrimento das demais na sociedade, inclusive no ambiente escolar.

Na verdade, esta situação está tão enraizada na escola, que mesmo após dez anos da publicação da Lei 11.645/08¹⁰, os conhecimentos indígenas e afro-brasileiros ainda enfrentam bastante resistência para a inserção no espaço educacional. Isto também pode ser observado nos materiais didáticos, que em sua maior parte tratam de forma estereotipada os sujeitos vinculados a estes grupos culturais, colaborando para a manutenção da segregação cultural. Ao ressaltar, então, os saberes indígenas, o blog atua no reconhecimento de que estes povos têm muito a contribuir para o conhecimento acadêmico.

O segundo elemento se refere a validade científica do blog. Esta plataforma possui validade científica em razão do seu conteúdo (planos, slides, vídeos e metodologias) ter sido elaborado a partir de materiais relevantes cientificamente, tais como artigos, dissertações, teses e livros. Ademais, há duas seções (“Artigos” e “Para saber mais”) que disponibilizam materiais fidedignos a respeito das culturas desses povos e de como sistematiza-los pedagogicamente para serem utilizados na escola.

A existência de um espaço no qual as pessoas podem acessar conhecimentos confiáveis a respeito dos povos indígenas, sobretudo no atual contexto social brasileiro, em

¹⁰ Lei que institui a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica.

que as etnias tem os seus direitos ameaçados, é fundamental para que as pessoas reconheçam a sua importância na formação histórica do nosso país e passem, não apenas a respeitá-las, mas a colaborar para a manutenção de suas conquistas legais. Nesse sentido, por sua finalidade, o blog traz contribuições significativas para um grupo em especial, os professores.

O oferecimento de subsídios aos professores é o terceiro aspecto. É evidente que a pouca quantidade de ações desenvolvidas com a temática indígena no espaço escolar não é resultado apenas do engajamento limitado de professores e gestores, mas também pela falta de recursos teóricos e práticos para que propostas pedagógicas sejam elaboradas. Desse modo, o blog, como uma plataforma digital preenchida de diversas possibilidades para o trato com esse tema, aumenta as chances desses conhecimentos estarem presentes no espaço educacional, principalmente na EPT.

A inserção dos saberes dos povos indígenas no espaço escolar, constitui-se no quarto aspecto. A presença desses conhecimentos nas instituições educacionais, que são corresponsáveis pelo processo formativo de crianças e adolescentes, as quais transitarão futuramente pelas diferentes instâncias sociais, possibilita que concepções positivas atreladas aos indígenas sejam difundidas pela sociedade.

Em razão de os conhecimentos indígenas predominantes no blog serem as suas corporalidades, a Educação Física, por ter como objeto de estudo o corpo, torna-se a disciplina apropriada para a transposição desses saberes ao ambiente escolar. Contudo, visando à potencialização do processo de ensino e aprendizagem com esse tema, o uso de uma proposta interdisciplinar, como o Projeto Integrador (PI), que foi utilizado na intervenção com os alunos e fez parte da metodologia da pesquisa que resultou no blog, pode ser prolífico.

Esse entendimento é importante, pois o ponto central em torno do qual gravita a finalidade dessa plataforma digital, é possibilitar a compreensão da percepção que os povos indígenas possuem a respeito do seu corpo no que concerne as intervenções feitas no, sobre e por meio dele. A sugestão de que esses conhecimentos sejam aportados no espaço escolar por meio de uma proposta interdisciplinar, como é o caso do PI, é para que eles se tornem mais significativos no processo formativo de alunas e alunos.

A atenção com a formação dos seus educandos é fundamental na EPT, tendo em vista que uma das suas finalidades é a formação humana integral. A fim de alcançá-la, faz-se necessário a articulação de três dimensões, quais sejam, trabalho, ciência e cultura. Esta última, aliás, deve contemplar a diversidade de manifestações presentes em nosso país. Desse

modo, ao abordar as culturas indígenas, em especial as suas corporalidades, que são uma parcela imprescindível na composição cultural do Brasil, exercendo um papel substancial em sua formação histórica, o blog contribui para a contemplação da formação humana integral na EPT.

A contribuição no processo formativo incide, sobretudo, na mudança de mentalidade dos alunos. Encontramo-nos em uma sociedade na qual os sujeitos oriundos de setores sociais que não são brancos e não possuem uma condição socioeconômica privilegiada, como os povos indígenas, precisam de muita luta para conquistar os seus direitos e uma condição mínima de subsistência.

Mesmo assim, frequentemente sofrem processos nocivos de generalização, em que são vinculados a imagens caricatas, que tem por objetivo reforçar comportamentos discriminatórios e lhes imputar a responsabilidade pela situação desfavorável em que se encontram. Infelizmente, a escola é um dos ambientes que colaboram para esse quadro, seja de forma direta, pelo uso de materiais didáticos e/ou ações que tratam os indígenas de forma estereotipada, seja de forma indireta, em que, se não perpetuam os estigmas, mas também não organizam nenhuma ação sistemática para mudá-los.

O blog, como um espaço que propõe subsídios para tratar as culturas indígenas de forma apropriada, viabiliza a elaboração de propostas pedagógicas sobre o tema, e possibilita a mudança na forma de pensar dos alunos. Contribui, portanto, para que se reconheçam as ações ofensivas direcionadas aos indígenas e que, infelizmente, tem aumentado cada vez mais, desligando-se de uma visão indiferente e egocêntrica, para assumir uma de reconhecimento e respeito à alteridade.

Assim, por ser um instrumento que valoriza a diversidade cultural por meio de conhecimentos embasados cientificamente, possibilitando as pessoas conhecerem as culturas indígenas a partir de suas corporalidades e, principalmente, por ser uma fonte de informações científicas e pedagógicas para que os professores tenham condições de inserir essa temática no espaço educacional, especialmente na EPT; o impacto social gerado pelo blog é imediato. Muitas pessoas irão refletir acerca das concepções distorcidas a respeito dos povos indígenas, percebendo que o pensamento estereotipado e discriminatório não condiz com a realidade. O impacto ocorrerá também a médio e longo prazo, pois os sujeitos presentes na escola, que serão os protagonistas da sociedade no futuro, terão oportunidade de acessar tais conhecimentos na sua formação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dayanny Carvalho Lopes. **A percepção dos professores sobre o uso das mídias e tecnologias na prática docente e suas contribuições no Ifsuldeminas**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2019.

AMARAL, Adriana ; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. **Blogs: mapeando um objeto**. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella; RECUERO, Raquel. (Org.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. 1ed.São Paulo: Momento Editorial, 2009, v. 1, p. 27-53.

ARAÚJO, Michele Menghetti Ugulino de. **Potencialidades do uso do blog em educação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

BARBOSA, Conceição Aparecida Pereira; SERRANO, Claudia Aparecida. **O blog como ferramenta para construção do conhecimento e aprendizagem colaborativa**. In: XII Congresso Internacional de Educação a Distância, 2005, Florianópolis. *Educação a Distância e a Integração das Américas*, 2005.

BIANCHI, Paula; PIRES, Giovani de Lorenzi. Possibilidades para o ensino-aprendizagem com as TICs na educação física escolar: uma experiência com blogs. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 01, p. 45-55, 2010.

BIANCHI, Paula; PIRES, Giovani de Lorenzi ; VANZIN, Tarcísio. As Tecnologias de Informação e Comunicação na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: possibilidades para a educação (física). **Linhas (UDESC)**, v. 9, p. 1-2, 2009.

BOEIRA, Adriana Ferreira. **Blogs na Educação: Blogando Algumas Possibilidades Pedagógicas**. In: VIII Mostra de Iniciação Científica, Pós-Graduação e Pesquisa, 2008, Vacaria-RS. *Blogs na Educação: Blogando Algumas Possibilidades Pedagógicas*, 2008.

CARVALHO, Ana Amélia; MOURA, Adelina; PEREIRA, Luís; CRUZ, Sónia. **Blogue: uma ferramenta com potencialidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino**. In: Actas do VII colóquio sobre questões curriculares – III Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares, Braga: CIEd, 2006.

CHAMPANGNATTE, Dostoiewski Mariatt de Oliveira; NUNES, Lina Caedoso. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. **Educação em Revista (UFMG. Impresso)**, v. 27, p. 15-38, 2011.

CORRÊA, Denise A. Brincadeiras indígenas Kalapalo: a abordagem da diversidade etno-cultural na educação física escolar. **Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires)**, v. 1, p. 01 - 139-08, 2009.

COSTA, Mayara, Capucho; SOUZA, Maria Aparecida Silva de. O uso das TICs no processo ensino e aprendizagem na escola alternativa -Lago dos Cisnes-. **Revista Valore**, v. 2, p.

220-235, 2017.

DINIZ, Irla Karla dos Santos. **Blog educacional para o ensino das danças folclóricas a partir do currículo de educação física do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias - Mestrado, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2014.

DOMINGOS JUNIOR, Moaldecir Freire; SILVA, Gustavo Henrique; SALES, Josilane dos Santos; CARLOS, Camila Ursula Batista; SILVA, Luiz Arthur Nunes da. Corpo, cultura de movimento e Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física. **CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE**, v. 8, p. 21-32, 2017.

FERREIRA, Maria José Moraes Abrantes. **Novas tecnologias na sala de aula**. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, Departamento da PROEAD - Especialização, Universidade Estadual da Paraíba. Sousa, 2014.

FERREIRA, Gislane; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Educação Física intercultural: diálogos com os jogos e brincadeiras Guarani. **Revista Horizontes - Revista de Educação**, v. 1, p. 79-93, 2013.

GERALDI, Luciana Maura Aquaroni; BIZELLI, José Luís. Tecnologias da informação e comunicação na educação: conceitos e definições. **Política e Gestão Educacional (Online)**, v. 01, p. 115-136, 2015.

KEMPE, Gédson Cardoso. **Práticas corporais indígenas inseridas à educação física escolar não indígena**. 159f. Dissertação (Mestrado em Reabilitação e Inclusão). Centro Universitário Metodista – IPA, Porto Alegre, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. Reflexões e indagações sobre a sociedade digital e a formação de um novo profissional / professor. **Revista Latinoamericana de Tecnologia Educativa**, v. 2, p. 99-107, 2004.

MACHADO, Élcio Basílio Pereira. **O blog como tecnologia educacional para educação física no ensino médio**: construção mediada pela pesquisa-ação. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino na Saúde). Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2017.

MARTINS, Gláucio Sousa; SANTOS, Lanyllo Araújo dos. **Educação e Tecnologias**: um olhar sobre a utilização das TICs no IFMA, Campus Codó. Monografia (Licenciatura em Informática). Programa de Graduação em Licenciatura em Informática, Universidade Federal do Maranhão. Codó, 2017.

MIRANDA, Lyana Virgínia Thédiga de. Oficinas pedagógicas de blogs na Educação Física: um relato de experiência. **Motrivivencia (UFSC)**, v. 34, p. 208-222, 2010.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e o reencantamento do mundo**. Revista tecnologia educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26.

_____. Ensino e Aprendizagem inovadores com Tecnologias. **Informática na Educação**, Porto Alegre, v. 3, n.1, p. 137-144, 2000.

_____, José Manuel. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Contrapontos (UNIVALD)**, Itajaí - SC, v. 4, n.2, p. 347-356, 2004a.

_____, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional (PUCPR)**, Curitiba, PR, v. 4, n.12, p. 13-21, 2004b.

_____. **A integração das tecnologias na educação**. In: José Manuel Moran (org). A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5ª Ed. Campinas: Papirus, p.89-90, 2013a.

_____. **Integrar as tecnologias de forma inovadora**. In: MORAN, Jose Manuel (org.). Novas tecnologias e mediação pedagógica. Papirus, 21ª ed, p.36-46, 2013b.

NASSI-CALÒ, Lilian. **Blogs como forma de comunicação científica na era das redes sociais**. 2018. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2018/03/07/blogs-como-forma-de-comunicacao-cientifica-na-era-das-redes-sociais/#.XpMuvchKg2w> Acesso em: 12 de abril de 2020.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **O Ciberespaço e a escrita de si na contemporaneidade: repete o velho, o novo blog?** In: Amaral, Adriana; Recuero, Raquel; Montardo, Sandra Portella. (Org.). Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação. 1ed.São Paulo: Momento Editorial, 2009, v. 1, p. 55-74.

RAMOS, Daniele Karine. As tecnologias da informação e comunicação na educação: reprodução ou transformação? **ETD : Educação Temática Digital**, v. 12, p. 44-62, 2011.

SANTOS, Domingas Cantanhede dos. **Tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica docente**. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de pós-graduação STRICTO SENSU Acadêmico Mestrado em Ensino, Centro Universitário UNIVATES. Lajeado, 2016.

SILVA, Luciana Maria Fernandes. **O ensino da capoeira na educação física escolar: blog como apoio pedagógico**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2012.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Tecnologias da informação e comunicação (TIC) e a educação física nas escolas. **Corpoconsciência**, v. 20, p. 68-76, 2016.

TENORIO, Jederson Garbin; LOPES DA SILVA, Cinthia. Experiência pedagógica com jogos indígenas em aulas de educação física de uma escola pública do estado de Mato Grosso. **Instrumento - Revista em estudo e pesquisa em educação**, v. 16, p. 279-286, 2014a.

_____. As práticas corporais indígenas como conteúdo da educação física escolar. **Teoria e Prática da Educação**, v. 17, p. 81-91, 2014b.

VALENTE, José Armando. **Inovação nos processos de ensino e de aprendizagem: o papel das tecnologias digitais**. In: VALENTE, José Armando; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ARANTES, Flávia Linhalis (Org.). Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir. 1ed.Campinas: NIED/UNICAMP, 2018, v. 1, p. 17-41.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS

Questionário 1 (inicial) para os alunos

Pesquisa: “CORPORALIDADES INDÍGENAS E A SUA INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: Possibilidades Através de uma Proposta Integradora”

Pesquisador responsável: Fabrício Gurkewicz Ferreira

- 1 – Quais os conhecimentos são estudados na disciplina de educação física na escola?
- 2 – Em relação a sua vida escolar antes de entrar no IFRO, quais conteúdos você estudou na disciplina de educação física?
- 3 – Durante o período em que você está no IFRO, quais conteúdos você já estudou na disciplina de educação física?
- 4 – Em relação aos conteúdos estudados, qual (is) você mais gostou? Por quê?
- 5 – Em sua vida escolar, antes e durante o período no IFRO, você já estudou algo a respeito das culturas indígenas? Se sim, quais conteúdos?
- 6 – Em relação às culturas indígenas, você considera importante o estudo desse tema? Por quê?
- 7 – Ainda em relação às culturas indígenas, em sua opinião, qual (is) o (s) motivo (s) desse tema não ser tão estudado?
- 8 – Você acha que as culturas indígenas podem ser um conteúdo a ser estudado na disciplina de educação física? Por quê?
- 9 – Você conhece alguma prática corporal indígena? Qual?
- 10 – De que modo você tomou conhecimento dessa (s) prática (s) corporal (is) indígena?
 websites redes sociais documentário filme outro

11 – Você já vivenciou alguma prática corporal indígena? Qual?

12– Qual entendimento os povos indígenas possuem a respeito do corpo?

13 – Você acha que a noção de corpo que os povos indígenas possuem é a mesma dos povos não indígenas? Por quê?

14 – Quais contribuições, o entendimento sobre o corpo dos povos indígenas, podem nos proporcionar?

Questionário 2 (final) para os alunos

Pesquisa: “CORPORALIDADES INDÍGENAS E A SUA INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: Possibilidades Através de uma Proposta Integradora”

Pesquisador responsável: Fabrício Gurkewicz Ferreira

1 – A respeito dos conhecimentos das corporalidades indígenas, você acha que este tema deve fazer parte das aulas da disciplina de educação física? Por quê?

2 – Quais conhecimentos das corporalidades indígenas podem estar presentes nas aulas da disciplina de educação física?

3 – Em relação ao desenvolvimento dos conhecimentos das corporalidades indígenas de forma simultânea em várias disciplinas, você gostou de o conteúdo ter sido abordado dessa forma?

sim não

4 – Quais foram os pontos positivos e negativos?

5 – Você prefere que os conteúdos sejam abordados de forma isolada por cada disciplina ou em conjunto? Por quê?

6 – Em relação aos conhecimentos apreendidos a respeito das corporalidades indígenas, de que forma você acha que eles contribuíram na sua formação acadêmica e pessoal?

7 – Quais as diferenças entre a noção de corpo dos povos indígenas e dos povos não indígenas?

8 – Este projeto contribuiu para o seu conhecimento acerca dos conhecimentos sobre o corpo? Por quê?

9 – Você modificou sua forma de pensar sobre questões corporais? Caso sim, quais foram as mudanças?

10 – Você alterou seu pensamento em relação aos povos indígenas? Caso sim, em relação a quais aspectos?

Questionário 3 para os professores do grupo colaborativo

Pesquisa: “CORPORALIDADES INDÍGENAS E A SUA INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: Possibilidades Através de uma Proposta Integradora”

Pesquisador responsável: Fabrício Gurkewicz Ferreira

1 – Em relação ao projeto integrador desenvolvido nessa pesquisa, você acha que ele é uma ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem mais significativa que a atuação de cada disciplina de forma isolada? Por quê?

2 – Você conhecia essa temática (corporalidades indígenas)? Você a considera relevante para o desenvolvimento da Educação Profissional e Tecnológica? Por quê?

3 – A respeito do tema corporalidades indígenas, você acha que o seu desenvolvimento, tendo como referência apenas a sua disciplina, poderia ter um resultado melhor? Por quê?

4 – Em sua opinião, o projeto integrador colaborou para que a aprendizagem sobre as corporalidades indígenas, por parte dos alunos, ocorresse de forma significativa? Cite exemplos que corroborem a sua opinião.

5 – Quais foram os pontos positivos e negativos do projeto integrador?

6 – De que forma o projeto integrador pode ser melhorado?

Questionário 4 para os professores de educação física

Pesquisa: “CORPORALIDADES INDÍGENAS E A SUA INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: Possibilidades Através de uma Proposta Integradora”

Pesquisador responsável: Fabrício Gurkewicz Ferreira

1 – Em relação ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) no trabalho pedagógico (planejamento, desenvolvimento das aulas e avaliação), você faz uso de alguma?

sim não

2 – Qual?

websites fóruns de discussão aplicativo blog outro

3 – Você considera válido a utilização das TIC's como uma ferramenta de apoio para o trabalho pedagógico? Por quê?

4 – Em relação aos conhecimentos sobre as corporalidades indígenas, você considera importante a sua oferta no ambiente escolar? Por quê?

5 – E na disciplina de educação física? Por quê?

6 – Você já desenvolveu esse tema alguma vez em suas aulas? De que forma?

7 – A respeito do blog com os conhecimentos sobre as corporalidades indígenas, a sua acessibilidade é boa?

sim não

8 – A sua estrutura (tópicos, textos, vídeos, etc.) é clara e de fácil manuseio?

sim não

9 – O material (textual e audiovisual) é relevante cientificamente?

sim não

10 – O conteúdo do blog contribui para seu conhecimento acerca desta temática?

sim não em parte

11 – Em sua opinião, o blog com os conhecimentos sobre as corporalidades indígenas, pode subsidiar o trabalho dos professores com o tema? Por quê?

12 – Você o utilizaria como ferramenta de apoio para o seu trabalho pedagógico? Por quê?